

ESCRITA E DESIGN: uma análise gráfica da escrita brasileira no início do período colonial: a primeira herança gráfica de Portugal dos grandes descobrimentos ao Brasil.

WRITTEN AND DESIGN: A graphic analysis of Brazilian writing at the beginning of the colonial period: the first graphic heritage of Portugal from the great discoveries to Brazil.

CUNHA LIMA, Edna; Doutora Design; ECO-UFRJ

ednacunhalima@gmail.com

MIRABEAU, Almir; Doutorado em Design; ESDI-UERJ

amirabeau@esdi.uerj.br

SILVA, Cláudio; Mestre; ESPM-RJ

claudio.gil@espm.br

Resumo: Este artigo explora o diálogo entre design e escrita através de análises formais e culturais das primeiras escritas introduzidas no Brasil pelos colonizadores. Apresentamos um panorama dessas escritas, analisadas graficamente e conceitualmente com contribuições de linguística, história, cultura, paleografia, caligrafia e design. A investigação foi motivada pela escassez de estudos sobre o tema no Brasil sob a perspectiva do design gráfico. A existência de bibliografia e profissionais em Caligrafia, Paleografia, História do Design e Cultura Material no Brasil encorajou-nos a usar essas áreas como base para uma análise gráfica, visando futuras pesquisas em design. O corpus consiste em manuscritos brasileiros do início do Brasil Colônia. Fornecemos um levantamento histórico dessas escritas e introduzimos um método de análise gráfica com contribuições da Paleografia, Caligrafia e Design. Esta análise permite conhecer influências herdadas pela escrita manual, suas particularidades e identificar fundamentos comuns ao design, como proporção, módulo, forma, eixos, ângulos e ritmo.

Palavras Chave: Caligrafia; Paleografia, História do Design.

Abstract: This article explores the dialogue between design and writing through formal and cultural analyses of the early writings introduced in Brazil by the colonizers. We present an overview of these writings, analyzed graphically and conceptually with contributions from linguistics, history, culture, paleography, calligraphy, and design. The investigation was motivated by the lack of studies on this subject in Brazil from a graphic design perspective. The presence of bibliography and professionals in Calligraphy, Paleography, Design History, and Material Culture in Brazil encouraged us to use these areas as a foundation for a graphic analysis aimed at future research in design and typography. The corpus consists of Brazilian manuscripts from early Colonial Brazil. We provide a historical overview of these writings and introduce a graphic analysis method with contributions from Paleography, Calligraphy, Linguistics, and Design. This analysis reveals cultural influences inherited through handwriting, highlighting its particularities and identifying common design principles, such as proportion, module, form, axes, angles, and rhythm.

Keywords: Calligraphy; Design History; Graphic Design.

A verdadeira manifestação da vida começa com a escrita. (Heráclito)

Introdução: A escrita como invenção

A escrita é uma verdadeira revolução nos canais de linguagem e comunicação criados pelo homem. Pessoas que viveram antes da era digital lembram-se dos anúncios de instrumentos para escrita manual, como canetas e lápis.

Hoje em dia, celulares e tablets não só servem para escrever, mas também suportam imagens, vídeos, conectam-se online e ao vivo, permitindo interações e participação em Histórias. Consideramos que essas ações representam os novos modos de graphein, o termo grego para o que foi gravado. Ao longo da História, o homem sempre criou instrumentos para registrar sua história e, com a revolução digital, o faz de uma forma sem precedentes. Podemos relacionar a Caligrafia com a Cultura Material e a História do Design, independentemente da tecnologia utilizada, pois os “artefatos são indissociáveis de processos culturais” (MENDES, 2004). Os instrumentos e os códigos que produzem são elementos essenciais para a formação da cultura.

Ao deixar marcas e rastros - reais ou metafóricos - a cultura material significa, testemunha e materializa a construção de histórias, identidades, lugares, épocas e formas de viver. As marcas, ilustres ou anônimas, deixam sinais de culturas, revelam modos de relacionamento entre sujeitos, destes com as coisas e com a vida em sociedade. (MENDES, 2004, p.16).

Apesar de sofrer alterações em sua elaboração por causa dos instrumentos que a produzem, a escrita permaneceu. A grande diversidade de aparelhos disponíveis atualmente, comprovam que a escrita se transforma, adapta-se ao instrumento que a constrói e segue retratando as sociedades que a adotaram para preservar e propagar a memória, como atesta Mendes (2004) “projetar e desenhar artefatos, seguir estes caminhos e compreender como modos de uso de artefatos determinam até mesmo a relação com o mundo, ganha um relevo especial para designers.”

Parto do entendimento de que artefatos' são indissociáveis de processos culturais e de que os significados e códigos relacionados a estes são traduzidos e traduzem relações sociais, construindo, assim, um universo inteligível mediado pela materialidade, bem como por aspectos simbólicos e imaginários sociais. (MENDES, 2004, p.16)

1. O MÉTODO DE ANÁLISE

Um estudo para uma proposta de desenvolvimento do ductus nas escritas brasileiras do início do período colonial

A proposta do nosso método de análise é voltada para calígrafos, desenhistas de letras, designers de tipos e profissionais ligados ao desenvolvimento de letras ou alfabetos. Enfatizamos que esses profissionais devem estar em contato constante com os fatores que influenciam e

moldam a criação de alfabetos históricos ou novos. Mesmo com a evolução tecnológica, os modelos latinos e as letras maiúsculas romanas, estabelecidos há quase dois mil anos, ainda nos acompanham. Com base em premissas históricas e formais, desenvolvemos nosso método descrito neste artigo. A sequência inclui: objetivos e histórico da metodologia, seleção do Corpus para análise, estruturação do método para captação e tratamento dos elementos, abordagem histórica da escrita brasileira no período estudado, e estruturação da ficha de análise gráfica com a proposição do *ductus*.

1.2 Objetivos e histórico da metodologia empregada nas análises

O nosso objetivo é estruturar uma metodologia analítica direcionada para o estudo dos aspectos formais e construtivos das grafias brasileiras, que são de grande interesse para a investigação. Não pretendemos traduzir ou transcrever os documentos, mas utilizar transcrições diplomáticas e análises paleográficas já existentes para a criação de um sistema. O foco é auxiliar calígrafos e profissionais relacionados no desenvolvimento de alfabetos baseados em modelos históricos.

Gostaríamos simplificar e aplicar essa metodologia aos alfabetos escolhidos, visando auxiliar designers e calígrafos em seus projetos e execuções, daí nossa opção de não transcrever os métodos paleográficos e sim reescrevê-los para facilitar o entendimento da metodologia aplicada.

1.3 Os modelos antecedentes

A metodologia proposta para análise gráfica, conforme apontamos, baseia-se em dois modelos classificados pela paleografia, utilizados para organizar, traduzir ou transcrever graficamente todos os materiais pesquisados.

1.3.1 Modelo 1

O primeiro passo desse método é contextualizar o período antes de apresentar a transcrição do documento, destacando as características da grafia da época e possíveis diferenças entre os padrões de escrita originais e as normas vigentes à época da transcrição.

Em seguida, são introduzidas as informações diplomáticas do documento por meio de um cabeçalho, incluindo título, autor, data, classificação da escrita e um resumo do conteúdo das cartas, se aplicável.

O terceiro passo consiste na transcrição da carta, destacando os elementos identificados na primeira etapa e, em alguns casos, indicando o número da linha transcrita nas margens. O documento original consultado é apresentado após a transcrição.

1.3.2 Modelo 2

A segunda metodologia da Paleografia consiste em selecionar elementos ou palavras do texto e organizá-los em colunas. Cada elemento é apresentado de forma linear e é acompanhado de sua transcrição diplomática e tradução atualizada, formando tabelas que representam graficamente a metodologia utilizada.

Essas tabelas permitem organizar os itens em grupos e manter sua individualidade, facilitando a análise formal de elementos comuns, diferenças estruturais e exceções ao padrão.

A Paleografia Brasileira adota esses métodos para transcrições diplomáticas que mostram as grafias em textos históricos e suas traduções para o português vigente. Além disso, apresenta um modelo específico de organização das escritas e seus elementos.

A adaptação metodológica para análise gráfica inclui várias ações justificadas, que serão descritas posteriormente.

1.4 Seleção do corpus e as justificativas empregadas

Ao escolher os documentos para análise, consideramos sua importância histórica, como a Carta do Descobrimento do Brasil por Caminha em 1500. Os aspectos formais e construtivos das escritas da época na Península Ibérica são essenciais para um método útil a calígrafos e pesquisadores, tanto histórica quanto formalmente.

A seleção do corpus baseia-se em critérios específicos, como a escrita manual entre 1490 e 1550, documentos brasileiros ou ibéricos relacionados ao descobrimento do Brasil, e representantes da Gótica Cursiva. Cada documento escolhido foi justificado de acordo com esses critérios, destacando-se de outros similares.

A escolha da Gótica Cursiva para investigação (Escrita Processual) não foi capaz de fornecer todas as bases para a nossa análise. As descobertas feitas a partir da Paleografia respaldaram o nosso entendimento de formas ancestrais da escrita latina, e enxergamos nela uma ponte para alcançar os nossos objetivos. Através deles pretendemos desenvolver uma metodologia que auxilie calígrafos e designers de tipos a estruturar, em um projeto tipográfico original, a interpretação ou alguma releitura de um modelo histórico, baseado principalmente na escrita manual.

Os documentos para a análise obedecem um recorte de pouco mais de 60 anos do período inicial da história, buscando atender às premissas estabelecidas a seguir:

1. *Serem Escritas Manuais;*
2. *Estejam inseridas no período entre 1490 e 1550;*
3. *Considerados brasileiros ou ibéricos;*
4. *Que tenham uma relação direta com o descobrimento do Brasil;*
5. *Representantem a escrita Gótica Cursiva.*

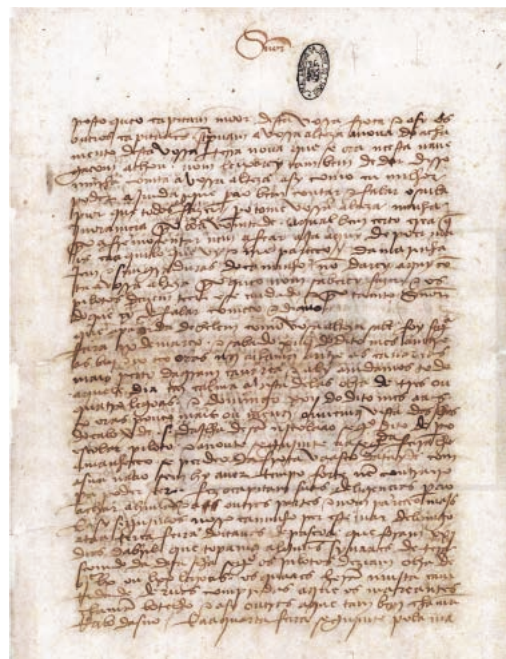
Selecionamos os documentos, porém adicionamos a eles uma ou mais justificativas que pudessem destacá-los de documentos que atendiam às nossas premissas.

Os documentos selecionados foram os seguintes:

1º A Carta do Descobrimento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha: escrita pelo escrivão oficial da frota de Pedro Álvares Cabral, tabelião de D. Manuel I e conhecedor das normas da chancelaria régia. A carta é vista pela historiografia clássica o primeiro documento literário do Brasil. (Figura 1).

Figura 1. Primeira página da carta de Pero Vaz de Caminha.

 Facsímile.



Fonte: Arquivos nacionais da Torre do Tombo - Direção

 Geral de Arquivos.

2º O Tratado de Tordesilhas: marca o ponto cronológico inicial dos documentos analisados. Nossa escolha justifica-se também pelo fato de o documento dividir o território entre Portugal e Espanha, em período anterior ao Descobrimento, apostando em terras ainda não descobertas ou declaradas, no Atlântico Ocidental. O tratado, até a sua ratificação final na língua castelhana, possuiu diferentes versões, redigidas nas línguas dos dois países.

Figura 2. Digitalização plana. A minuta original do tratado de Tordesilhas e suas versões para o português.



Fonte: Arquivos nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivos; Biblioteca Nacional de Portugal.

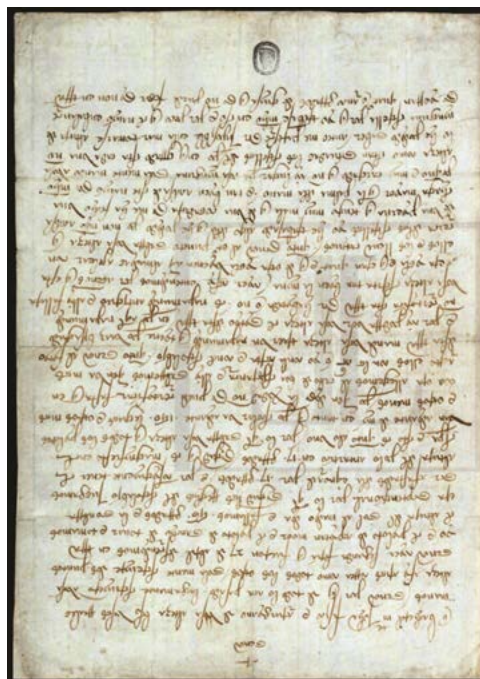
Os exemplos são a minuta original do acordo, redigida em Castela; uma tradução portuguesa, redigida em Lisboa, e o tratado ratificado entre os reinos de Portugal e Castela. Justificamos a sua seleção por ser um documento comum aos dois países ibéricos sobre as terras brasileiras, anterior à sua descoberta (Figura 2).

3º Documento - A carta do descobrimento do Mestre João Faras: este documento justifica-se pelo fato de Faras ser um erudito, um acadêmico a bordo da mesma esquadra em que se encontrava Caminha, e que tinha uma grafia muito próxima à de Caminha. Físico e astrônomo, Faras era médico particular e amigo pessoal do rei D. Manuel I. Sua presença na esquadra de Cabral trata-se de um atendimento ao pedido pessoal do monarca. (Figura 3).

4º Documento: Receita de Pastel de Marmellos: Este texto, retirado de um livro de receitas do século XVI, foi escolhido por ter sido escrito por alguém comum, não um oficial da corte ou intelectual reconhecido. Fundamentado em história e contextos socioculturais, valorizamos a análise de um documento escrito por um representante comum da sociedade. Mesmo na época, ler e escrever conferia algum prestígio ao indivíduo. (Figura 4, Fac-símile, digitalização plana).

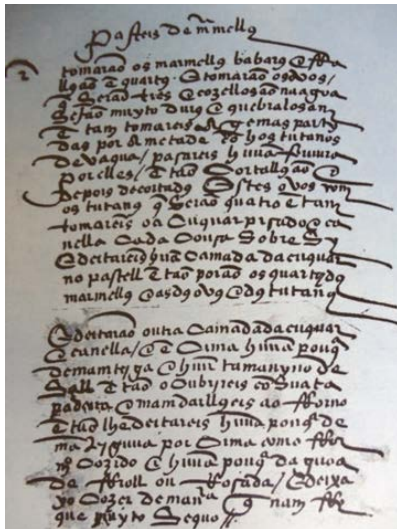
5º Documento - A Carta de Tomé de Souza ao rei D. João III, de 1551: o documento ultrapassa a nossa premissa cronológica em 1 ano. Porém, a carta enviada de São Salvador, capital do Brasil à época, pelo então Governador Geral do Brasil, é a última prestação de contas ao rei de Portugal sobre a sua administração. Nela, Tomé de Souza solicita ao monarca o seu retorno a Portugal. (Figura 5).

Figura 3. Primeira página da carta do Mestre João Faras. Facsímile.



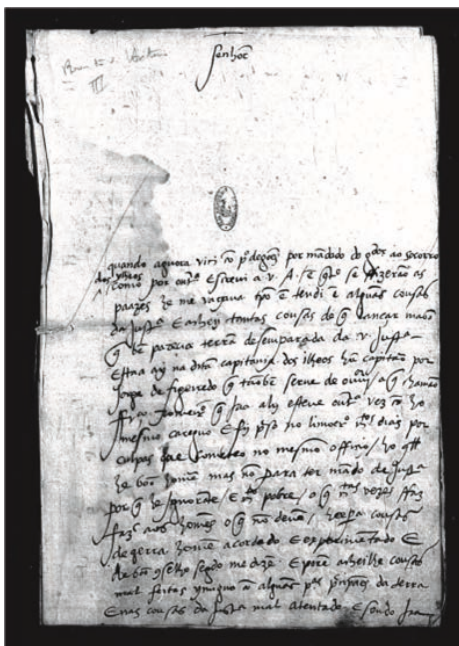
Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

Figura 4. Página da receita de Pasteis de Marmellos.



Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

Figura 5. Primeira página da carta de Tomé de Souza.
 Facsímile



Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

1.5 O método de captação dos documentos e tratamento digital

1.5.1 Captação digital

Os documentos selecionados foram captados de duas formas: através de facsímiles já digitalizados e obtidos por meio de download na internet. São digitalizações certificadas por instituições oficiais. Em Portugal, nos utilizamos dos serviços online disponíveis da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, e dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo.

1.5.2 Digitalização plana de impressos

Para os modelos reproduzidos em impressos e que não são *fac-símiles*, a captura foi realizada através de digitalização plana (scanner), usando resoluções de acordo com o tamanho de cada reprodução. Isto se deve ao fato destes documentos, apesar de não estarem em seus formatos originais, possuírem as dimensões fornecidas por fontes fidedignas. (Figura 6).

Figura 6. Detalhes do Tratado Tordesilhas, após a digitalização e, em sequência, após tratamento.



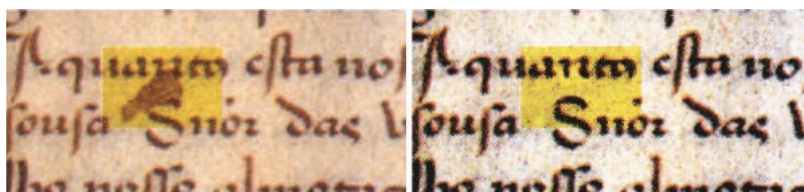
Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

1.5.3 Tratamento digital

1.5.3.1 Primeira Etapa, limpeza e aumento de contraste

Os arquivos de imagens dos documentos foram digitalmente tratados para remover ruídos e permitir uma melhor observação. Com mais de 450 anos, muitos documentos escureceram devido à acidez da tinta ou do suporte. O objetivo foi obter uma visualização aceitável para análise, preservando as características das grafias e eliminando elementos não intencionais. (Figura 7).

Figura 7. Tratamento digital, auxiliado pela transcrição diplomática

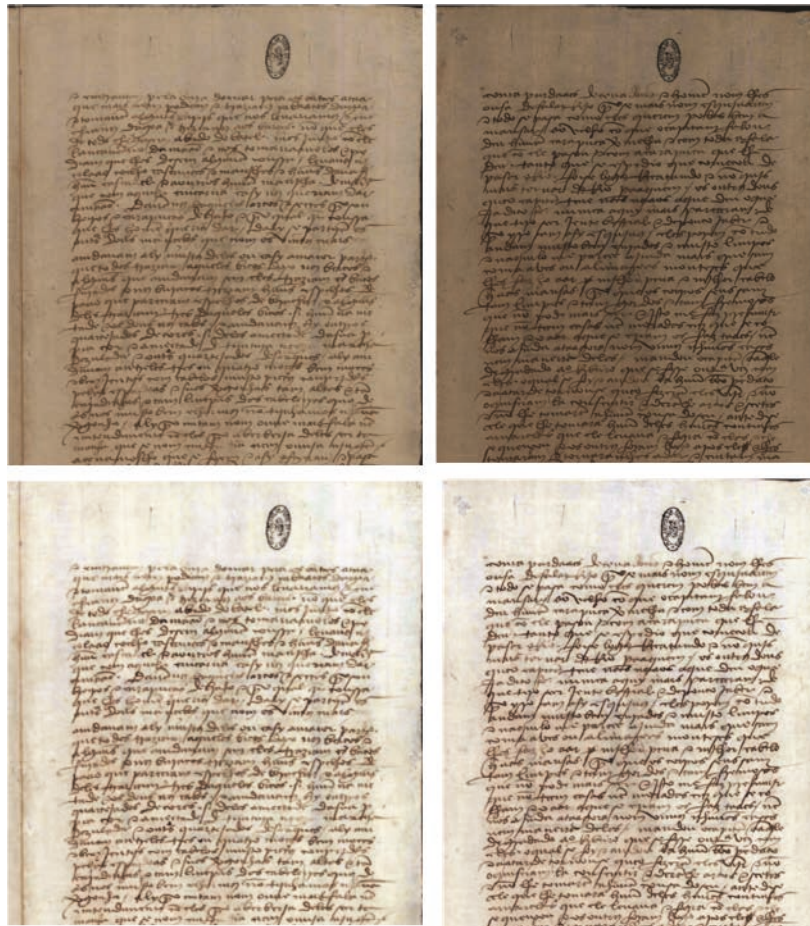


Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

1.5.3.2 Selecionando o tipo de tratamento

Cada documento foi tratado de maneira específica, pois não existe um padrão entre eles, seja na conservação ou na quantidade de fólios contidos num mesmo manuscrito. (Figura 8).

Figura 8. Tratamento digital das páginas 7 e 15, da Carta de Pero Vaz de Caminha, para equalizar as diferenças de tonallidades.



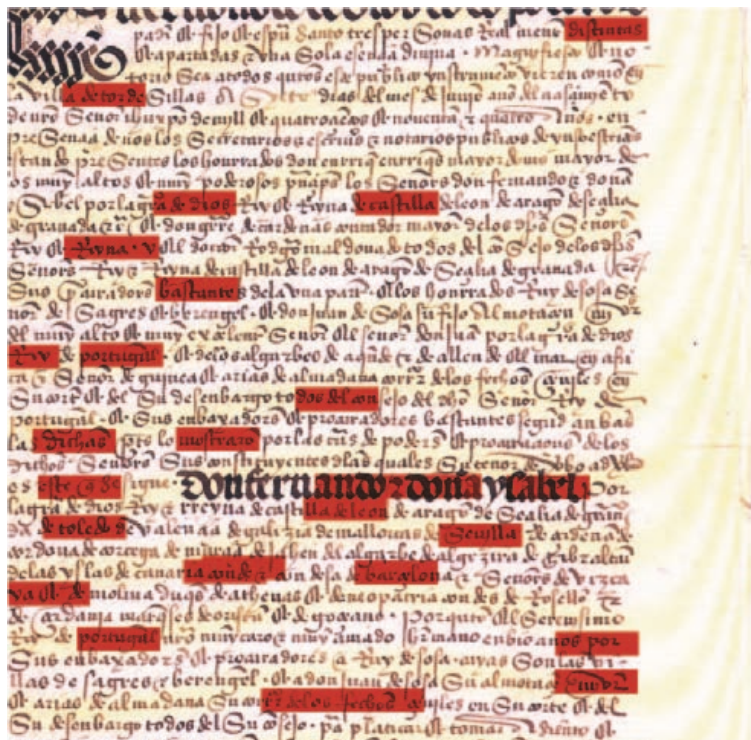
Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

1.5.3.3 Destacando os elementos de análise

Por se tratar de uma análise essencialmente gráfica, estabelecemos um padrão que permite comparar similaridades nas diferentes grafias, como as abreviaturas dos termos “por” ou “quão”, que na Escrita Processual lembram uma arroba (@); as letras “p” e “q”, chegam a um limite, dirigindo-se à parte ascendente envolvendo-as. Assim observamos a singularidade das diferentes mãos, porém preservando-se as características comuns aos ductus propostos em cada uma situações.

As ampliações auxiliam o processo e o destacando palavras selecionadas em áreas do texto e depois separadas. Recursos de aumento do contraste desfocam o restante da imagem mantendo os trechos recortados normais. Outra opção, marcamos os termos analisados em cor para destacá-lo. (Figuras 9 e 10).

Figura 9. Modelos de destacamento dos termos a serem analisados.



1.6 Distribuição e organização

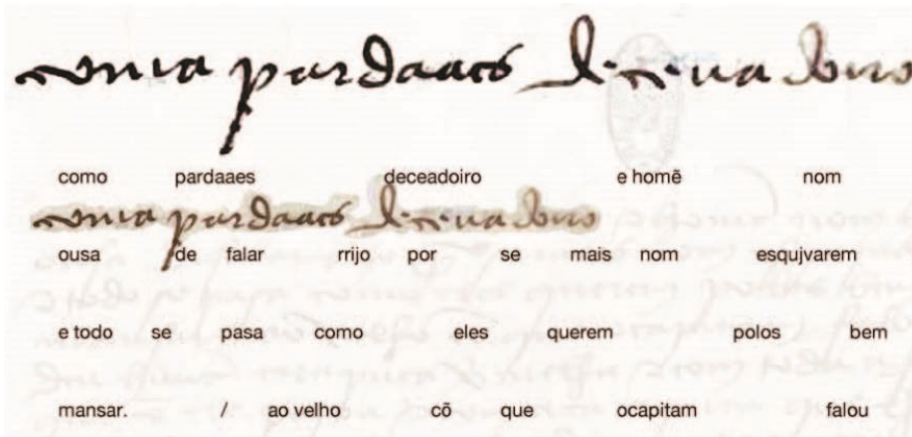
Distribuímos os elementos selecionados em tabelas para organizá-los, seguindo o método paleográfico. Montamos fichas descritivas com proposições de ductus, através de ações específicas.

- a. Observamos o ductus em escritas decifradas e verificamos a possibilidade de desenho da

escrita cursiva. Caso não seja possível, propomos um *ductus*, fornecendo sequência provável dos movimentos formadores de signos.

b. Se não for possível determinar o ângulo e modulação, propomos novas determinações. Isso é feito para melhor compreender e descrever a escrita.

Figura 11. Tratamento para destacar os termos para análise da página 14, da Carta de Pero Vaz de Caminha.



Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

No momento de estruturação da ficha de análise propomos construir tabelas referentes aos materiais das informações levantadas, contidas nas tabelas elaboradas para o primeiro modelo desenvolvido para a pesquisa. Ela contém quatro tipos de situações contempladas, descritas, segundo a Paleografia Brasileira como:

a) caracteres isolados: são as grafias individuais das letras, em seu estado essencial;



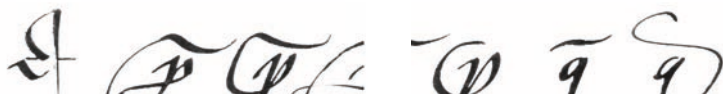
a; b; c; d; e; f; g; h; i; j; k; l; m.

b) caracteres combinados, conectados e ligaturas;



to; do; do; tez, te, de; de; de.

c) sistema braquigráfico (de abreviaturas);



et; por, para, per, par, quem, qual

d) sistema numérico



As formas retiradas dos textos seleccionados foram analisadas a partir de quatro dos elementos formadores da escrita, e fazem parte do conjunto responsável pela formação das escritas. São eles:

- a) A morfologia;
- b) O ângulo;
- c) O módulo;
- d) O ductus.

A decisão por utilizá-los se deve ao fato de conseguirmos, a partir deles, as condições para estabelecermos, num momento posterior, relações importantes para a escrita, como o contraste, o ritmo e as razões proporcionais. (Figura 12).

Figura 12. Representação dos quatro elementos analisados nas escritas do *corpus*.



Fonte: Adaptado de MEDIAVILLA, 1993.

Para alcançar os objetivos, julgamos necessário descrever o histórico das mãos e da base paleográfica utilizadas para classificar as escritas. Essa abordagem se justifica pela necessidade de contextualização, pois é fundamental compreender as classificações e a evolução das grafias

contidas nos documentos que compõem o corpus do trabalho. Nossa pesquisa está inserida na linha de pesquisa de História do Design Brasileiro e, portanto, a contextualização histórica e cultural da escrita analisada é introduzida no início do período do Brasil Colônia. Consideramos essencial que um calígrafo tenha conhecimento de questões históricas e culturais em que uma escrita se encontra inserida. Essa abordagem visa ajudar na formatação de propostas que buscam entender e construir o *ductus* a partir das escritas estudadas e descritas neste capítulo, tornando-se fundamental para a compreensão do Design como parte da cultura de um país.

Tal abordagem se ancora na possibilidade de auxiliar na formatação das propostas que visam o entendimento e a construção do *ductus*, a partir das escritas estudadas e descritas no decorrer deste capítulo.

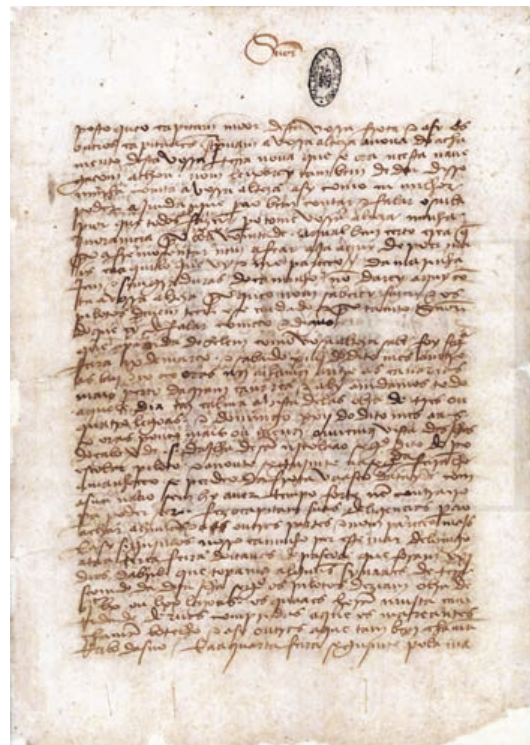
1.7.1 A herança gráfica ibérica

A presença da escrita portuguesa no Brasil, após a descoberta, é influenciada pela "influência ibérica" (ACIOLI). A escrita trazida pelo português Caminha em 1500 era uma mistura de forma e conteúdo. A herança caligráfica portuguesa se estabeleceu como ponto comum entre colonizadores e colonos, graças à formação semelhante. Desta forma comenta Acioli:

Tais circunstâncias pesaram na decisão do que deveria ser considerado manuscrito brasileiro. Entendeu-se que brasileiros seriam todos os manuscritos relacionados com o nosso país, quer oriundos do Brasil, quer de Portugal. Assim sendo, tanto as cartas remetidas da colônia quanto documentos régios ou consultas no Conselho Ultramarino, despachados na metrópole, foram considerados brasileiros, quando o assunto em questão descreve problemas dessa possessão portuguesa na América. (ACIOLI, 1994, p. 55).

Segundo Acioli, Aldo Manúcio já havia impresso milhares de livros com tipos produzidos por ourives italianos antes da expedição de Cabral. Esses tipos renascentistas seguiram o estilo dos modelos de Bracciolini e Niccoli, durante o movimento humanista

Figura 13. Primeira página da Carta do Descobrimento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha, datada de 01.5.1500.



Fonte: Local de arquivamento: Portugal, Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Direção Geral de Arquivos. Cód. de ref.: PT/TT/GAV/8/2/8.

Este fato contrapõe o atraso cultural português no fim do século XV, alardeado por alguns historiadores. No entanto, considerando o design como elemento formador de cultura, a indústria naval portuguesa, com suas inovações tecnológicas, garantia a posição de liderança portuguesa na Europa. O design português, impulsionado pela cultura da navegação e da Escola de Sagres, era mais avançado do que o design de qualquer grande nação europeia.

1.7.2 O registro dos grandes descobrimentos através da escrita

Situado no extremo ocidental da Península Ibérica, Portugal estabelece, através de documentações escritas, o que o historiador português Jorge Borges de Macedo (1987) chama de “primeira política externa europeia de primado atlântico que existiu na Europa Ocidental.” (MACEDO, 1987).

É justo salientar que, no âmbito das escritas existentes na Europa nesse momento, a grafia de Caminha está inserida em um estilo característico da Idade Média, o Gótico Cursivo; porém, é difícil precisar, em termos de costumes, o que realmente um modelo pode representar numa sociedade, conforme comenta Marques:

Em história e em história cultural, os séculos não se confinam a centúrias exactas de anos e, normalmente, não é fácil assinalar, de forma concreta, o início e o termo de um período, mesmo secular, e o início de outro e isso é particularmente evidente nos domínios da Cultura. (MARQUES, 2002, p. 75).

Portugal, ao fim do século XV, “encontrava-se num momento particularmente complexo.” (MARQUES, 2002). Devemos nos lembrar que nesse período vários países europeus estão vivendo

um momento de transição, de ruptura entre a Idade Média e o Renascimento. Os Grandes Descobrimentos, segundo Matoso (1999), estavam lançando Portugal definitivamente em direção ao mercantilismo. O poder estatal começava a ser empreendido no comércio marítimo.

O poder político decidiu ocupar-se das navegações e do comércio marítimo, não apenas como consumidor de bens acumulados, mas também como envolvido ele próprio na sua produção. Então essas ações se tornaram História e se passaram a fixar na memória. (...) A peculiaridade da participação de Colombo no movimento das Descobertas não está só, com efeito, na sua opção pela viagem ao Ocidente, mas também na utilização da escrita para explicar e justificar o seu empreendimento. É o primeiro navegador ocidental a usar a escrita para preservar a memória da sua aventura e a justificar; o primeiro intelectual europeu a associar-se aos comerciantes e empresários de transporte a reflectir sobre a sua experiência e sobre os seus intuítos. (MATTOSO, 1999, p. 21)

Ao citarmos Mattoso direcionamos o nosso olhar para a representatividade que a escrita exerceu nos empreendimentos de Colombo. O argumento do historiador lança uma luz ainda mais forte sobre o poder, o fascínio que essa invenção sempre exerceu sobre a humanidade e naquele momento tornou-se imprescindível para o *modus operandi* do modelo mercantil.

Colombo, no período anterior à sua partida, utilizou-se da escrita para registrar o seu planejamento. Uma documentação capaz de deixar os investidores cientes dos objetivos e das demandas necessárias para o sucesso da expedição. Ele utilizou os registros para relatar os acontecidos e também como parte das estratégias para superar os desafios do desconhecido.

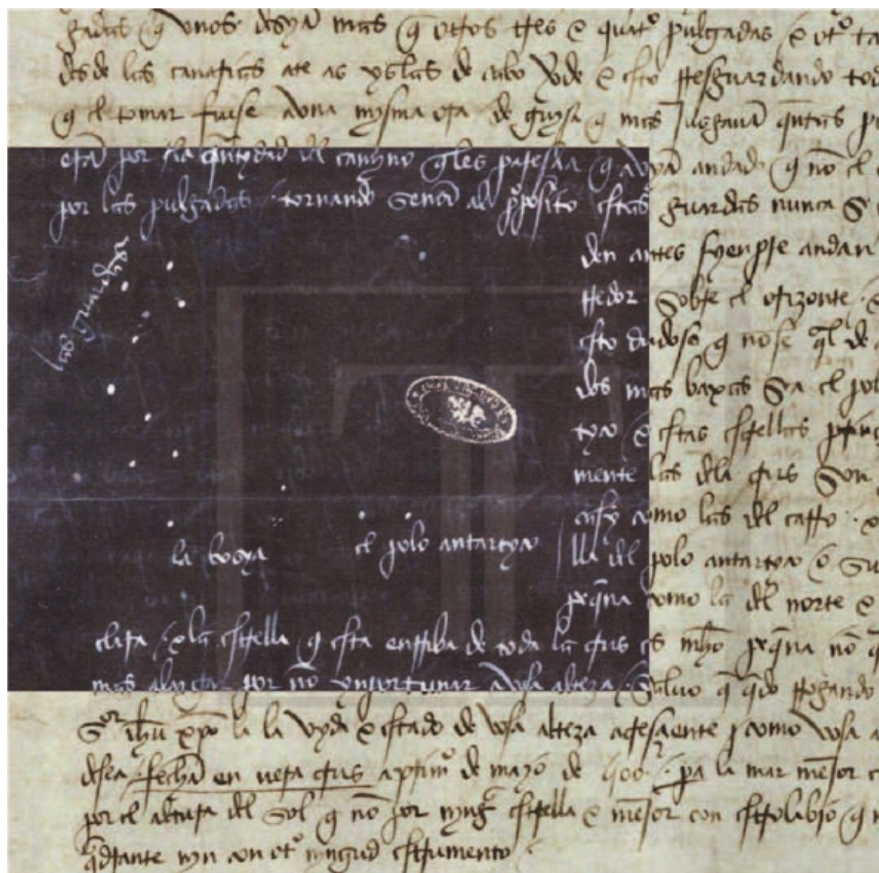
1.8 Com o descobrimento do Brasil nasce a escrita brasileira

No Brasil, o documento relatando minuciosamente a “notícia do achamento desta Vossa terra nova”, por Caminha ao rei D. Manuel I, encontramos uma grafia similar à da carta escrita por outro personagem presente na esquadra de Cabral, o médico particular do rei, João Faras. O Mestre João, era físico e astrônomo e a pedido do seu Senhor acompanhou a frota real, com a incumbência de “ler” o céu brasileiro. Em seu relato, encontra-se registrada, ainda que de maneira imprecisa, a primeira leitura da constelação do Cruzeiro do Sul na terra descoberta. (Figura 14).

As duas cartas trazem em seu aspecto formal os modelos cartoriais estabelecidos por uma chancelaria régia constituída (MATTOSO). As escritas foram feitas sem a utilização de pautas, executadas em coluna única, registradas em somente uma das faces do fólio, como nos relata Acioli:

As páginas manuscritas têm regras de diversas larguras, mas elas são delimitadas muito uniformemente, dando uma fisionomia agradável à composição. Raramente se praticava a opistografia – a escrita dos dois lados da folha. Os parágrafos, em alguns casos, vêm marcados por um sinal especial, variável a critério do escrivão. É habitual, principalmente às consultas do Conselho Ultramarino, redigi-las quase em coluna, na segunda metade da folha, deixando-se a primeira, à esquerda, para os pareceres dos procuradores da coroa ou despachos régios. Estes, geralmente feitos de maneira sucinta, são acompanhados da rubrica do monarca. O rei era tratado por Senhor, num indício de aceitação de seu poder como soberano – o todo poderoso. (...) Alguns documentos encontram-se selados ou carimbados. Os selos, moldados sobre material plástico, geralmente a cera, natural ou colorida, às vezes encontram-se pendentes por tiras de couro ou tecido. (ACIOLI, 1994, p. 55). (Figura 15).

Figura 14. No detalhe da página da carta do Mestre João Faras, a primeira leitura do céu do Brasil, indicando a constelação do Cruzeiro do Sul.



Fonte: ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Direção Geral de Arquivo.

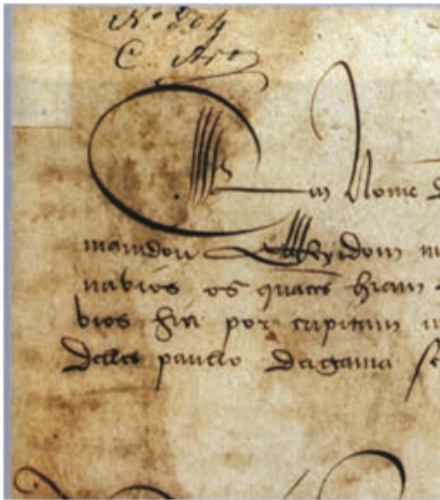
Essa normatização atestada pela Paleografia, auxilia os pesquisadores na conferência de autenticidade dos materiais e nos levam a compreender, pelo menos em primeira instância, a identidade cultural ou educacional de uma sociedade no contexto histórico. As grafias de Pero Vaz e João Faras mostram, através da forma, elementos comuns entre si, e também utilizados em outros documentos da época, como a carta redigida por Vasco da Gama, relatando ao rei a sua primeira viagem às Índias Ocidentais (Figura 16), ou mesmo em um livro de receitas culinárias, produzido na mesma época em que Portugal atravessa seu limite fronteiroço natural ocidental, o Mar Oceano, como chamavam o Atlântico, no período conhecido como o das Grandes Navegações. (Figura 17).

Figura 15. Ratificação do Tratado de Tordesilhas por D. João II. Setúbal, 5 de setembro de 1494. Pergaminho, 32 x 34cm Sevilha, Archivo Geral de Indias, Patronato Real, 1, nº 6, ramos 1 e 2.



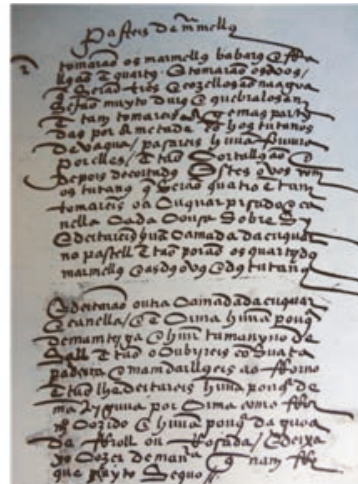
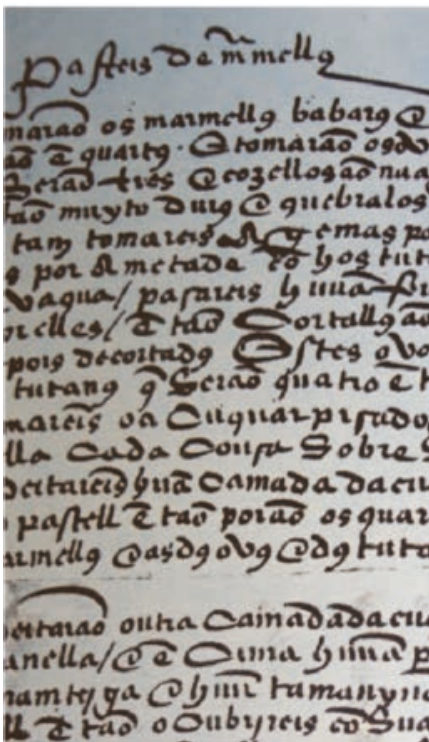
Fonte: O Testamento de Adão, catálogo comemorativo do V Centenário do Tratado de Tordesillas Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1994.

Figura 16. Detalhe da carta de Vasco da Gama, da primeira viagem às Índias.



Fonte: O Testamento de Adão, catálogo comemorativo do V Centenário do Tratado de Tordesillas. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1994.

Figura 17. Pastéis de Marmellos.



Fonte: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - Direção Geral de Arquivo.

Os modelos de escrita gótica eram comumente encontrados em documentos e livros de países do continente europeu, mesmo com a ascensão do Renascimento no Velho Mundo. Na Alemanha, por exemplo, o modelo gótico conhecido como *Fraktur* tem o seu nascimento no século XVI, e seu uso estendeu-se, mesmo no âmbito da tipografia, até o século XX.

Nos reinos de Portugal e Castela, o modelo Gótico Cursivo sofreu alterações por razões culturais e

é classificado pela Paleografia Portuguesa como Escrita Cortesã, uma “corrupção” do modelo. (ACIOLI). Essas mudanças são caracterizadas pelas marcas de um certo individualismo inerente à escrita Processual ou Processada.

O modelo Processual, descrito por Acioli como sendo de “traços rápidos e descuidados, foi o utilizado nas Cartas do Descobrimento e recebe o adjetivo de “degenerado” pela autora. Trata-se de uma degeneração da Escrita Cortesã, o então modelo oficial utilizado na corte de Castela. (Figura 18).

Em Castela, houve uma reação contra essa escrita degenerada, uma tentativa de imposição por parte dos Reis Católicos de estebelecer a Escrita Cortesã como a escrita oficial para notários e oficiais do reino. Os escribas recebiam por páginas produzidas e quando se utilizavam da variação Processual o trabalho era feito com maior velocidade e em maior número de páginas (ACIOLI, 1994).

Figura 18. Escrita Cortesã. Detalhe da Carta aos reis católicos.



O aspecto formal da Cortesã era considerado de bom acabamento; entretanto, a Cortesã foi utilizada com maior fluência apenas no círculo de eruditos da corte. Apesar do curto período da sua utilização no Reino de Castela, “essa escrita em Portugal é utilizada na maioria dos documentos que ultrapassam o reinado de D. João III”. (MARQUES, 2002).

1.8.1 A escrita processual e suas origens

A origem da Escrita Processual pode ser encontrada em detalhes ancestrais, desde a invenção da escrita. Essa abordagem considera que a escrita é um percurso que começa com a representação gráfica do pensamento, emoções e da alma humana. Nesse sentido, vamos editar nosso pensamento a partir de um recorte temporal, compreendendo o estilo através de pequenos atos gráficos que iluminam o ambiente. O Brasil foi descoberto em 1500 e o relato do navegador Cabral está guardado nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. A grafia do escrivão oficial é classificada como um dos últimos modelos da Escrita Gótica, que se originou de um ponto e volta ao início da transcrição do pensamento.

A escrita eleita deve-se ao fato de que o Brasil, quando descoberto pelos portugueses, foi anunciado ao seu Senhor, no Velho Continente. A grafia de Caminha é classificada pela Paleografia como um

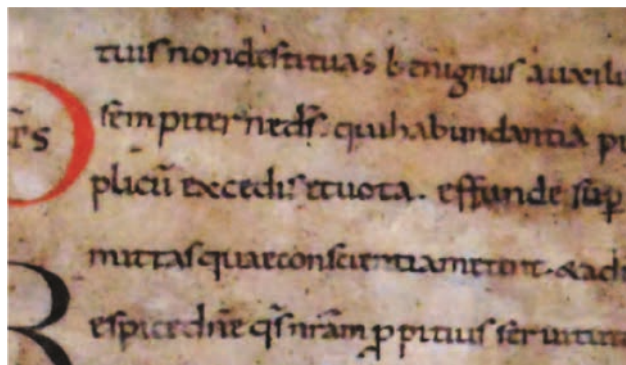
dos últimos modelos desenvolvidos remanescentes da Escrita Gótica. Essa gênese aludida no início do trabalho é fundamental para compreender a evolução da linguagem e a Escrita Processual.

Como ponto de partida da evolução da Escrita Processual, iniciamos nossa descrição pela minúscula Carolíngia, adotada em Portugal a partir do século XII (MATTOSO, 1999), introduzida pelos monges da Congregação de Cluny (BERWANGER; LEAL, 2012).

O desenho da Minúscula Carolíngia era lenta comparada ao modelo Processual; suas formas eram arredondadas, com ascendentes e descendentes bem dimensionadas, e eram realizadas com um instrumento de ponta quadrada, comumente feitos com penas de aves. (Figuras 19 e 20).

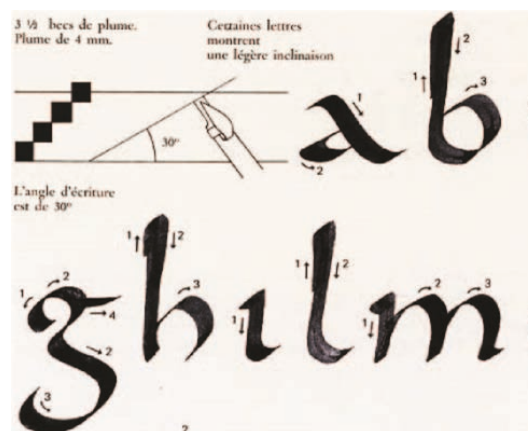
Ao final do século XI, as formas da escrita Carolíngia passam a ser executadas por uma pena de corte oblíquo (MEDIAVILLA, 1993), com os escribas utilizando-se de um ângulo mais alto para o desenho resultando uma letra mais condensada, com junções mais abruptas, chamada de Carolíngia Tardia ou Protogótica. O caráter arredondado das letras originais vai gradativamente se transformando em cortes mais angulosos. Segundo Bischoff (*apud* MEDIAVILLA, 1993), a Protogótica é proveniente do norte da França – mais especificamente, da região do reino anglo-normando.

Figura 19. Manuscrito Carolíngio do século IX. Musée des Lettres & Manuscrits, Paris.



Fonte: Cláudio Gil, 2013.

Figura 20. Detalhe do ductus das Minúsculas Carolíngias.



Fonte: MEDIAVILLA, 1993.

Apesar da influência do processo de execução das minúsculas Carolíngicas, o belga Jacques Boussard descreve, “em seu estudo *Influências insulares na formação da escrita gótica* (Bruxelas, 1951), a influência britânica na formação desse sistema” (MEDIIVILLA, 1993). Segundo o seu estudo, os escribas anglo-saxões seriam aficionados pelo uso das penas de ponta com corte oblíquo. Esse instrumento produz automaticamente a separação dos planos feitos pelos traços, gerando raios de curvas mais curtos.

Principais modelos Góticos, séculos XI ao XVI.

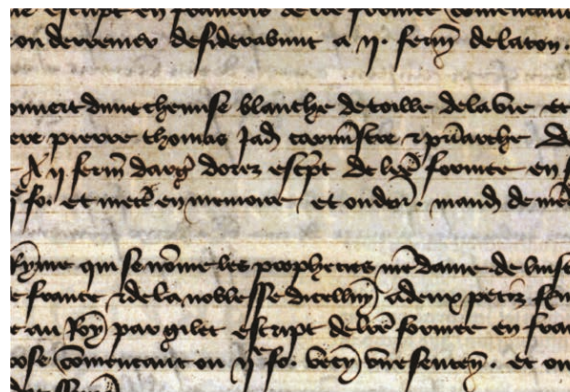
Protogóticas (transição, 1070)	reitur in regione moabitade.
Textura (século XIII)	q̄ lignū qđ plātātū est?
Fraktur (século XVI)	Deus Abrahā. Deus Isaacī
Rotunda (séculos XIV e XV)	sp̄iritūi sancto pariteri
Gótica Cursiva (século XIV)	Die Ebeack Dwidgewih
Bastarda francesa(século XIV)	trespuissant et mon tres
Civilité (século XVI)	votex coeue à Dieu, seges du

Fonte: MEDIIVILLA, 1993.

1.8.2 A escrita Gótica Cursiva

Durante o século XII, a escrita gótica cursiva é usada em grande parte da Europa. A disseminação do seu uso é em larga medida devida à democratização do ensino, ao trabalho dos homens da lei e dos escrevãos públicos (MEDIIVILLA). Seu caráter veloz se dava pelo tipo de expediente em chancelarias, repartições públicas e gabinetes oficiais, que exigiam rapidez na escrita de seus notários. (Figura 21).

Figura 146. Inventário do Louvre pelo notário Jean Le Bégue, em 1413.



Fonte: MEDIIVILLA, 1993.

1.8.2.1 Características formais da gótica cursiva

A escrita Gótica Cursiva possui características gráficas de uma escrita corrente (*littera currens*, com reduzido levantamento do instrumento no suporte, uma escrita cotidiana de ângulo fixo e com uma altura de x menor do que a Gótica Textura, um modelo usado em livros e comum durante os séculos XIII e XIV na Europa).

A presença de ligaturas e a formação de letras combinadas promove encadeamentos entre elementos com características formais que a inserem no estilo gótico. Entretanto, elas se diferenciam das letras utilizadas em livros manuscritos, tanto na proporção quanto no eixo. (Figura 22).

A Gótica Cursiva possui uma discreta inclinação à direita. Seus arqueamentos, devido aos traços modulares na diagonal, utilizados nos caracteres a, b, c, d, e, g, h, l, e combinados com algumas extensões que chegam a ser horizontais, como no caso da letra k, fazem com que este modelo tenha uma maior largura x (horizontal). (Figura 22).

As extensões em volutas e zigue-zagues dão-nos a impressão de uma maior velocidade em sua execução. Este conjunto de fatores faz com que essa escrita se contraponha ao eixo vertical e à ideia de uma velocidade mais baixa para a produção das Texturas livrescas.

Figura 22. Comparando as proporções: a Textura Francesa do século XIV, com 4,5 larguras do instrumento para compor a altura de x das letras minúsculas, enquanto a Gótica Cursiva utiliza-se de 3 larguras do mesmo instrumento. Ambas utilizam-se do mesmo ângulo em relação à linha de base.



Fonte: Adaptado de MEDIAVILLA, 1993.

Seu desenho sugere um ductus diferente da gótica para livros, fazendo com que seus traços se sobreponham uns aos outros, pelo fato do calígrafo manter a pena em constante contato com a superfície, levantando-a o mínimo possível.

A pena, nesta escrita, dá a impressão de poder se mover em qualquer direção, o que Marques (2002) chama de “inversão do ductus”, pois afasta-se do modelo onde os movimentos verticais são descendentes e, para retomá-los, o calígrafo necessita retirar a pena do papel. É a letra inventada para acompanhar a liberdade de raciocínio humano e não somente um modelo para ser copiado por mãos treinadas ou talentosas.

Algumas combinações e ligaturas entre alguns caracteres permanecem fiéis aos modelos livrescos,

porém, como em toda variação dentro da escrita manual, as liberdades individuais desenvolvem novas formas e critérios para esses tipos de conexões, a exemplo da formação estilizada de algumas letras e novas articulações para os sinais abreviativos estudados na braquigrafia. (Figura 23).

Figura 22. Comparando as proporções: Na parte superior, uma comparação entre as extensões horizontais entre a Textura do século XIV a Gótica Cursiva. O módulo vertical predominante na primeira resulta em um desenho que ocupa menos espaço horizontal em relação à segunda, que utiliza módulo inclinado.



Fonte: Adaptado de MEDIAVILLA, 1993.

Antes de apresentarmos as fichas de análise, contendo proposição do ductus das escritas brasileiras, gostaríamos de ressaltar que essas fichas possuem um caráter de ensaio, na tentativa de entendermos algumas das possibilidades de construção das grafias em questão. Não almejamos obter através delas uma definição ou padronização de como as escritas devam ser realizadas, como se fossem uma cópia escrava, como era contrário o professor Edwad Johnston (1906).

Figura 23. Combinações e abreviaturas. Na parte superior, a palavra senhor, em português do século XVI, com letras combinadas e conexões. Desenho de Cláudio Gil. Na parte inferior, três exemplos de abreviaturas escritas por Pero Vaz de Caminha: 1- Senhor; 2- primeira; 3- segunda.



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal.

Em uma primeira tentativa, utilizamos um modelo próximo ao modelo paleográfico para entender o seu sistema de montagem, as classificações e fatores que possibilitavam as traduções diplomáticas de serem realizadas com resultados satisfatórios e comprovados.

Os primeiros modelos das fichas continham informações minuciosas sobre as normas de arquivamento, como o preciso local do documento onde cada elemento se situava e quantas vezes se repetia. Este, por sua vez, iria entrecruzar, com informações formais dos alfabetos, representadas por letras isoladas e suas combinações. De fato, a primeira ficha nos forneceu informações precisas sobre quantificações; entretanto, buscávamos uma resposta clara no que tange à morfologia das escritas manuais de cada documento. O resultado quantitativo não oferece muitos atrativos ao calígrafo, pois, para ele, o mais importante é a forma de executar o trabalho, e não quantas vezes ele terá que repeti-lo.

Quando utilizamos o termo repetição, estamos atentos à noção de que ele funciona quase como uma figura de linguagem, pois cada ação da escrita manual é única e, apesar dos movimentos similares exigidos, a resposta do traço será sempre singular. Sabemos que será sempre um novo movimento, obedecendo as mesmas regras, trazendo em si, ao mesmo tempo, um novo traço e a essência do traço original.

As páginas seguintes mostram o modelo de ficha desenvolvido para um primeiro momento, quando buscávamos meios para interpretar as formas:

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 1

título do documento: **Carta de Pero Vaz de Caminha**

Autor / Executor: **Pero Vaz de Caminha**

tipo de documento: **Carta**

Data: **01.5.1500**

Local de arquivamento: **Arquivo Nacional da Torre do Tombo : Direção Geral de Arquivos**

código de referência: **PT/TT/GAV/8/2/8**

Fonte: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4185836>, sábado 27 de julho de 2013, às 19:17h

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

PESQUISA SIMPLES PESQUISA AVANÇADA DESTAQUES

CARTA DE PÉRO VAZ DE CAMINHA

NÍVEL DE DESCRIÇÃO
 Documento simples

CÓDIGO DE REFERÊNCIA
 PT/TT/GAV/8/2/8

TIPO DE TÍTULO
 Atribuído

DATAS DE PRODUÇÃO
 1500-05-01 ✓ a ✓

DATAS DESCRITIVAS
 Vera Cruz

DIMENSÃO E SUPORTE
 14 f. (296 x 212 mm); perg.

ÂMBITO E CONTEÚDO
 A Carta está datada de Vera Cruz, 1 de Maio e assinada por Péro Vaz de Caminha, escrivão da faveloria de Calecut, enviado por D. Manuel na armada de Pedro Álvares Cabral, e é o primeiro testemunho da existência de um mundo até então desconhecido dos povos ligados por contiguidade geográfica, o primeiro testemunho de uma realidade que mudou verdadeiramente a face da terra. Foi escrita no período crucial dos Descobrimentos, nos tempos em que a ciência náutica finalmente tornou possível fazer o reconhecimento do nosso planeta. As pessoas referidas na carta são, em primeiro lugar Pedro Álvares Cabral, o responsável pela armada, e outros mencionados ou não, que fazem parte da expedição, eram capitães experientes, pertencentes a grandes famílias portuguesas, bem como grandes comerciantes florentinos. A Carta faz um relato muito circunstanciado dos costumes dos habitantes da terra, o seu comportamento

REPRESENTAÇÃO DIGITAL
 VIZUALIZAR

Nº de páginas: 27 (escritas somente no reto)

suporte: **Pergaminho**

Dimensões: **212mm x 296mm**

orientação: **Vertical**

Instrumento de escrita: não descrito (provavelmente pena de ave)

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 2

Carta de Pero Vaz de Caminha

Nº de linhas por páginas

p 1: 35 + cabeçalho p 11: 36 p 21: 32 p 2: 36 p 12: 35 p 22: 33 + 1 em branco p 3:
37 p 13: 36 p 23: 33 p 4: 36 p 14: 35 p 24: 33 p 5: 39 p 15: 37 p 25: 33 p 6: 38 p
16: 35 p 26: 31 p 7: 36 p 17: 35 p 27: 13 p 8: 35 p 18: 34
p 9: 36 p 19: 31 + 1 em branco p 10: 36 p 20: 33 + 1
em branco

Média de linhas por página: **35 linhas** (páginas 1 a 26)

Média aproximada de palavras por linha: **7 palavras** (com 3 ou mais letras)

Margens superior: **48mm**

Inferior: **38mm**

Esquerda: **28mm**

Direita: **28mm**

Alinhamento: **justificado**

Estrutura Do Documento

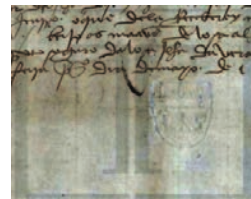
cabeçalho: **Somente na página 1: uma palavra: "Senhor"** corpo:
Introito (arenga)



Fechamento: **Pedido pessoal**

Assinatura: **Pero Vaaz de Caminha**

selo ou carimbo: **Arquivo Nacional da Torre do Tombo e marca d'água digital**



obs: **marcas de corte vazado no sentido vertical das páginas**

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

 Folha 3

Carta de Pero Vaz de Caminha

Modelo de classificação: **Escrita Gótica Cursiva** subclasse: **Escrita Processual**

Contraste (relação de espessura entre traços grossos e finos): **± 3,2 : 1** razão modular: **Média aproximada de 1:1 para x**

Ângulo da escrita em relação à linha de base: **±35º**

Altura de x (medida das quantidades da largura da pena): **o resultado gráfico foi retirado da média dos traços grossos nas páginas a seguir:**

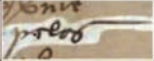
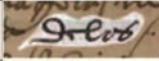
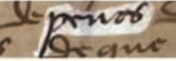


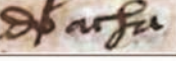
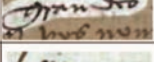

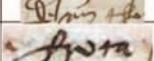
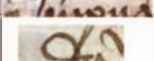
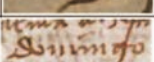

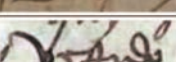
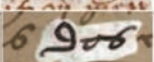
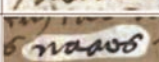
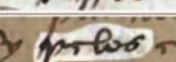
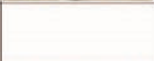


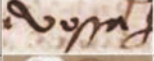
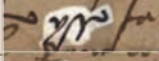
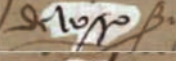


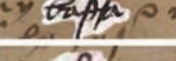

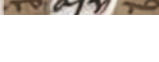

	Página	Altura de x
1ª:	3,16	
7ª:	3,0	
15ª:	3,71	
21ª:	3,12	
27ª:	3,2	
média:	3,2 (3,238)	

Sinais braquigráficos: **sim, abreviativos (os mais encontrados no texto: por, sistema de numeração: romano minúculo**



Ligaturas: **sim (exemplos: de, or, ch, do, da, ss, st, capitulares: 1 ornamentos: Não**

a		capitão	1	1	
b		sábado	1	16	
c		capitães	1	2	
ç		braças	2	9	
d		doutras	2	4	
e		menos	2	17	
f		frota	1	1	
g		surgimos	2	9	
h		d'homens	2	17	
i		capitão	2	6	
j		segujnte	1	23	
l		pilotos	1	31	
m		chamam	2	1	
n		nome	2	6	
o		nome	2	6	
p		topamos	2	1	
q		a que	2	1	
r		fura	2	1	
s		nus	2	28	
s longo		surgimos	2	9	
t		desta	1	3	
u		nova	1	3	
v		vasco	1	24	
x		xbij (XVIII)	2	27	
y		aly (ali)	1	18	
z		alteza	1	7	

as		pelas	12	2		
ch		buchos	2	1		
es		grandes	2	5		
tez		alteza	33			
er & fa		fazer				
fr		frota	1	1		
da		da				
de		desta				
do		do				
os		dos	7	28		
po						
s(s) longo		vossa	1	1		
s & t		desta	1	1		
						



uso comum, na chancelaria régia portuguesa,

composições de unidade, a última letra i era

4 : braquigr: o viaturas

a / da		primeira	abreviativo	
ã				
ẽ				
o / do		segundo	abreviativo	
Señor (Sor)		Senhor	abreviativo	3
por, pelo		por	abreviativo	2
q (q + til)				
te				
to (s)		direito	abreviativo	

1.9 Considerações sobre a primeira ficha

A primeira ficha talvez fosse mais útil para a utilização em arquivologia, utilizada em bibliotecas e museus. Seu caráter possibilita uma metodologia de quantificação, porém nosso propósito era analisar a forma, considerando que as grafias manuais, apesar de únicas, preservam uma essência, que Mediavilla (1993) chama de estilo, ou seja, uma grafia única, com uma dinâmica específica para cada calígrafo.

Com base neste pensamento optamos por reduzir o número de informações de cada documento. Devido a um menor quantitativo de informações, tentamos identificar uma maneira em que pudéssemos trabalhar fundamentados em algum elemento da escrita para selecionarmos a essência do *corpus*.

Ao analisarmos a carta de Pero Vaz de Caminha, com suas 28 páginas, percebemos que as diferenças formais entre as manchas de texto nas páginas eram sutis. Ao olhar a textura das páginas temos a impressão que o conteúdo se repete. A estrutura formal como margens e colunas, pela grafia de um mesmo autor, transmitiam uma atmosfera singular. Portanto recorremos ao que Mediavilla (1993) chama de estilo. O autor nos explica não poder mensurá-lo, porém, é capaz de identificar o ritmo e o rigor do que chama de “mãos” individuais. (Figura 150).

Figura 150. Cinco páginas da carta de Pero Vaz de Caminha. Apesar do grande número de páginas, percebemos uma linha gráfica de trabalho, mesmo com intervalos a cada 6 ou 7 páginas.



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal.

Inspirados pelas informações obtidas através deste primeiro documento, procuramos observar as escritas da carta do Mestre João Faras e identificamos nela o estilo individual evidente. A mão singular do autor apresentava linhas gráficas e visuais próprias, que são partes constituintes da identidade do autor.

Diante dessas impressões, percebemos que ritmos diferentes se formam em cada mão e acompanham o estilo do escriba, mesmo ao seguir um modelo. Entendemos, assim, que a proposta deveria sugerir um modelo de ficha onde a parte analítica focasse nas formas.

O escriba repete os movimentos a partir de um padrão, mas esse padrão não se realiza em termos

absolutos, como acontece na tipografia por exemplo. Ocorrem variações sutis nas formas, nos ângulos e nos outros elementos da escrita.

1.9.1 Proposta para uma nova ficha

Este fato nos possibilitou interpretar as formas das escritas de uma maneira ampla, sem a preocupação com uma precisão absoluta. Utilizamos-nos das grafias do *corpus* para uma comparação das similaridades, e realizamos as propostas para os *ductus* dos elementos presentes através de desenhos desenvolvidos pessoalmente.

Para as fichas de análise, as informações diplomáticas contidas na folha foram mantidas, mas, com as alterações e inserções descritas a seguir:

1. adição de um campo para a descrição do autor e o ano da transcrição;
2. particionamento do campo da fonte do documento, colocando os dados referentes às capturas dos arquivos em um campo à parte;
3. informação das páginas selecionadas, com as imagens referenciais em miniatura e a sua numeração;
4. as imagens capturadas digitalmente das páginas da web, contendo as informações da fonte, foram mantidas, porém deslocadas para parte final da folha.



Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 1

título do documento: **Carta de Pero Vaz de Caminha**

Autor / Executor: **Pero Vaz de Caminha**

tipo de documento: **Carta, com título atribuído**

Data de produção: **01.5.1500**

Autor e ano da transcrição: **Leonardo Arroyo, 1971**

Local de arquivamento: **Arquivo Nacional da Torre do Tombo : Direção Geral de Arquivos**

código de referência: **PT/TT/GAV/8/2/8**

Fonte: **<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4185836>,**

Dados da captura: **sábado 27 de julho de 2013, às 19:17h**

suporte: **Pergaminho**

Nº de páginas: **27 (escritas no reto)**

Dimensões: **212mm x 296mm**

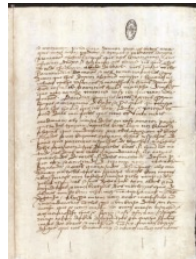
orientação: **Vertical**

Instrumento de escrita: **não descrito (provavelmente pena de ave)**

Páginas analisadas: **1, 7, 15, 21 e 27**



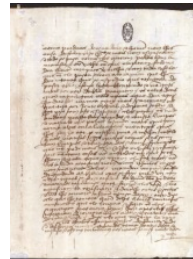
1



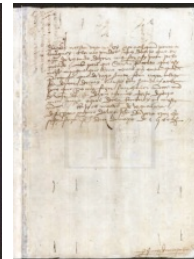
7



15



21



27

The screenshot shows a web browser window displaying the digital archive page for the document 'Carta de Pêro Vaz de Caminha'. The page includes a search bar, navigation tabs for 'PESQUISA SIMPLES', 'PESQUISA AVANÇADA', and 'DESTAQUES', and a detailed description of the document. The description includes the following information:

- NÍVEL DE DESCRIÇÃO:** Documento simples
- CÓDIGO DE REFERÊNCIA:** PT/TT/GAV/8/2/8
- TIPO DE TÍTULO:** Atribuído
- DATAS DE PRODUÇÃO:** 1500-05-01
- DATAS DESCRITIVAS:** Vaza Cruz
- DIMENSÃO E SUPORTE:** 14 f. (296 x 212 mm); perg.

There is also a 'REPRESENTAÇÃO DIGITAL' section with a small image of the document and a 'VISUALIZAR' button.

Para as tabelas de seleção, identificação e organização dos elementos, a nossa proposta contempla a abordagem de quatro tipos de elementos encontrados nos textos, conforme os levantamentos feitos na primeira, analisados através dos quatro elementos da escrita: o módulo, a forma, o ângulo e o ductus.

Na folha 2, procuramos identificar os principais módulos.

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 2

Carta de Pero vaz de Caminha / Método para a identificação dos módulos principais

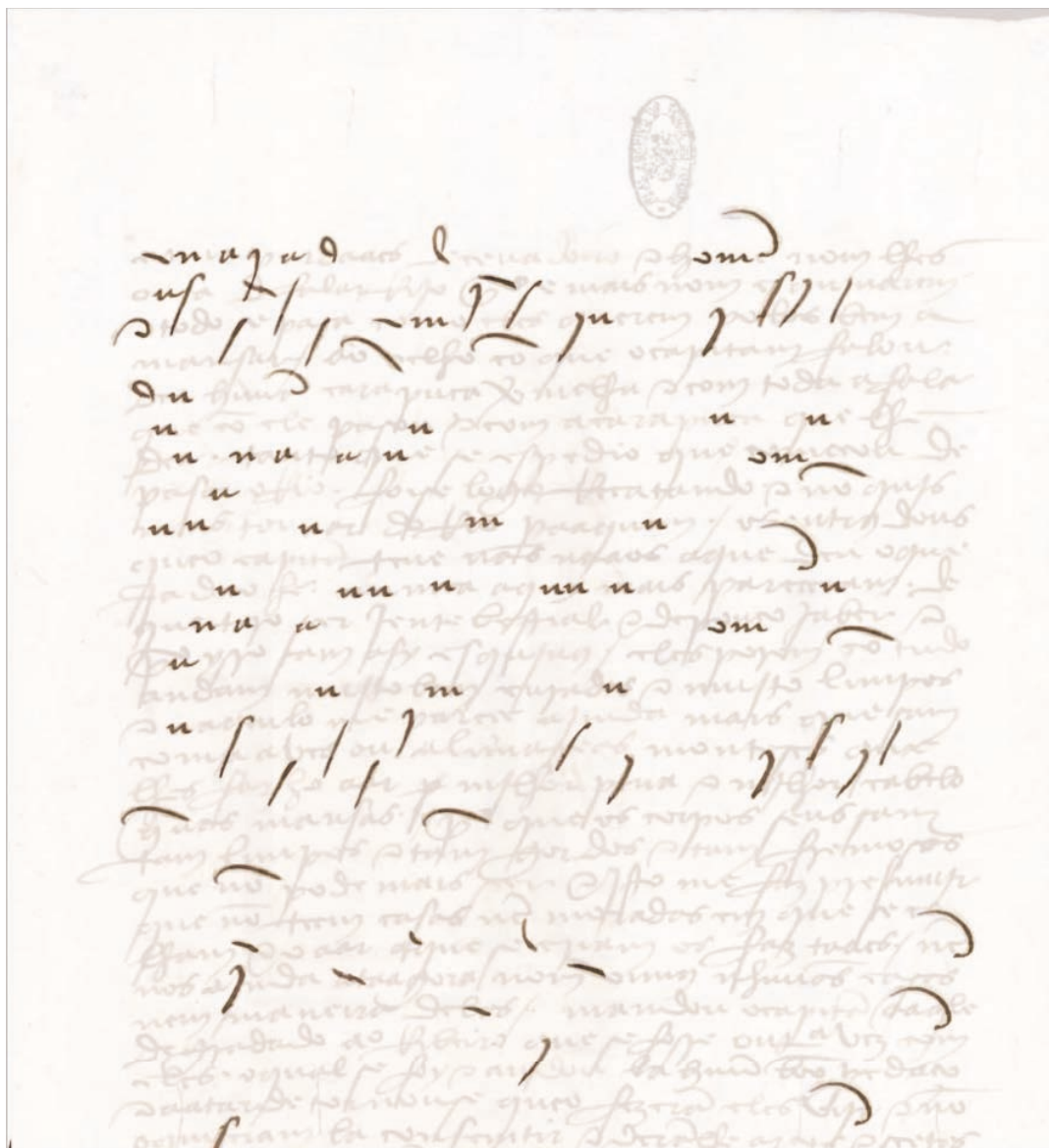


Tabela de análise de módulo, morfologia e ângulo

modulações principais

Ângulo aproximado: 36°

Caracteres Morfologia Interpretação formal

Caracteres	Morfologia	Interpretação formal
a		
b		
c		
ç		
d		
e		
f		
g		
h		
i		
j		
l		
m		
n		

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 4

Carta de Pero vaz de Caminha / Caracteres combinados / Parte 2 (o-z)

Tabela de análise de morfologia e ângulo

Ângulo aproximado: 36°

Caracteres	Morfologia	Interpretação formal
o		o o
p		p p
q		q q q q
r		r r
s		s
s longo		s s s
t		t
u		u u
v		v v v
x		x x x
y		y y
z		z z

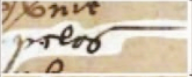

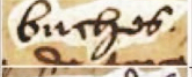

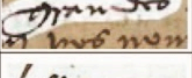

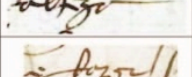

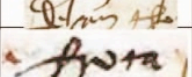

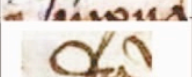



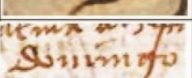
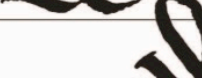
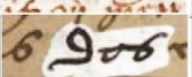



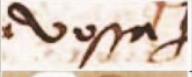

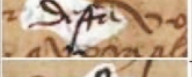

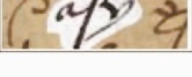

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 5

Carta de Pero vaz de Caminha / Ligaturas, letras combinadas e abreviaturas

Tabela de análise de morfologia e ângulo

Ângulo aproximado: 36° Morfologia Interpretação formal

Ligatura	Modelo	Palavra
as		pelas 
ch		buchos 
es		grandes 
tez		alteza 
fa & er		fazer 
fro		frota 
da		da 
de		desta 
do		do 
os		dos 
s(s) longo		vossa 
s & t		desta 
s & y		asy (assim) 

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

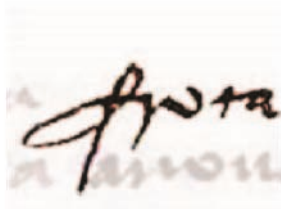
Folha 6

Carta de Pero vaz de Caminha / Testes de montagem de alfabetos e encaixes modulares

Tabela de análise de morfologia, modulação e ângulo

Ângulo aproximado: 40° Morfologia Interpretação formal

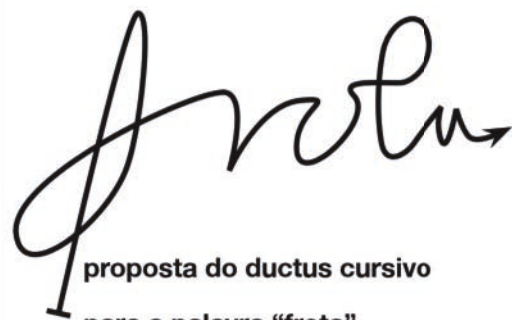




escrita original



proposta formal



proposta do ductus cursivo
para a palavra "frota"

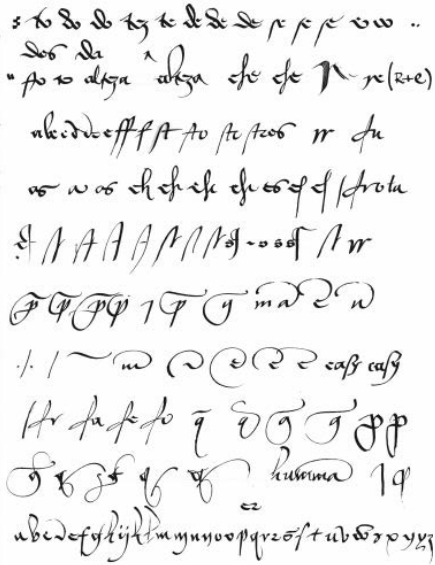
Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 8

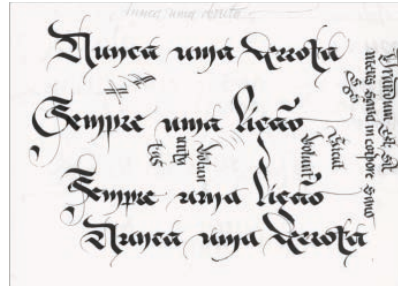
Carta de Pero vaz de Caminha / Ligaturas, letras combinadas e abreviaturas /

Propostas de formas a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

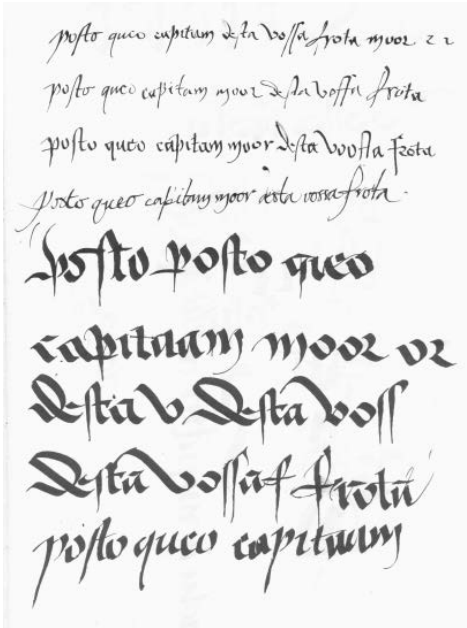
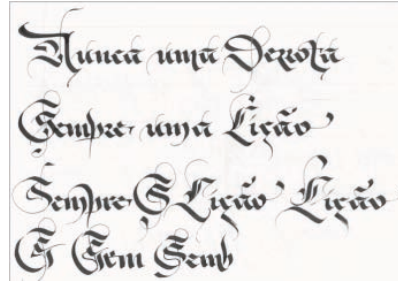
Ângulo aproximado: 40° Morfologia Interpretação formal



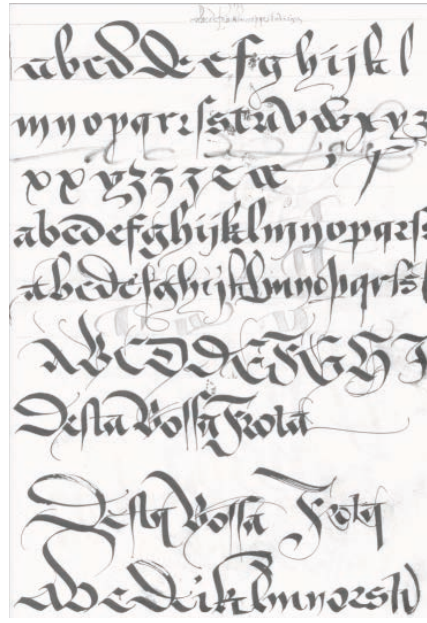
Formato A4, ponta de 1,5mm



Formato A4, ponta de 3,8 mm



Formato A4, pontas de 1,5mm e 3,8mm



Formato A4, ponta de 3,8 mm

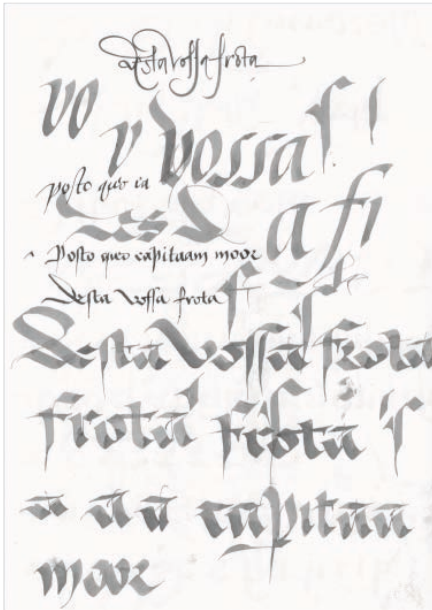
Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 9

Carta de Pero vaz de Caminha / Ligaturas, letras combinadas e abreviaturas /

Propostas de formas a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

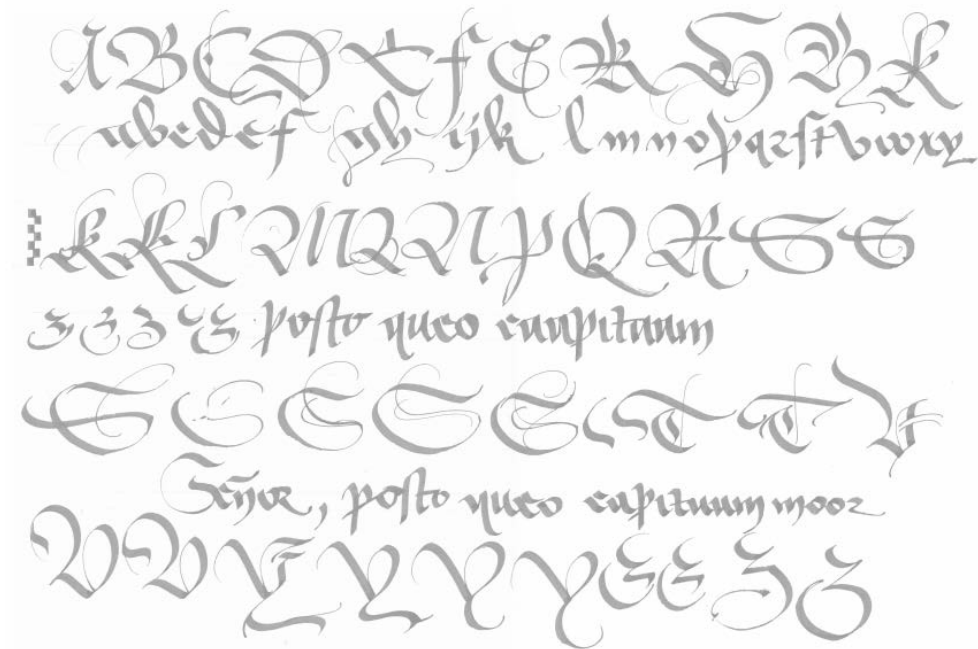
Ângulo aproximado: 40° Morfologia Interpretação formal



Formato A4, ponta de 6,0 mm



Formato A4, ponta de 3,8 mm



Formato A3, ponta de 3,8 mm

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 10

Carta de Pero vaz de Caminha / Ligaturas, letras combinadas e abreviaturas /

Proposta de formas a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

Ângulo aproximado: 40° Morfologia Interpretação formal



Formato A3, ponta de 6,0

Formato A4, ponta de 3,8 mm



Formato A4, ponta de 6,0mm

Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 11

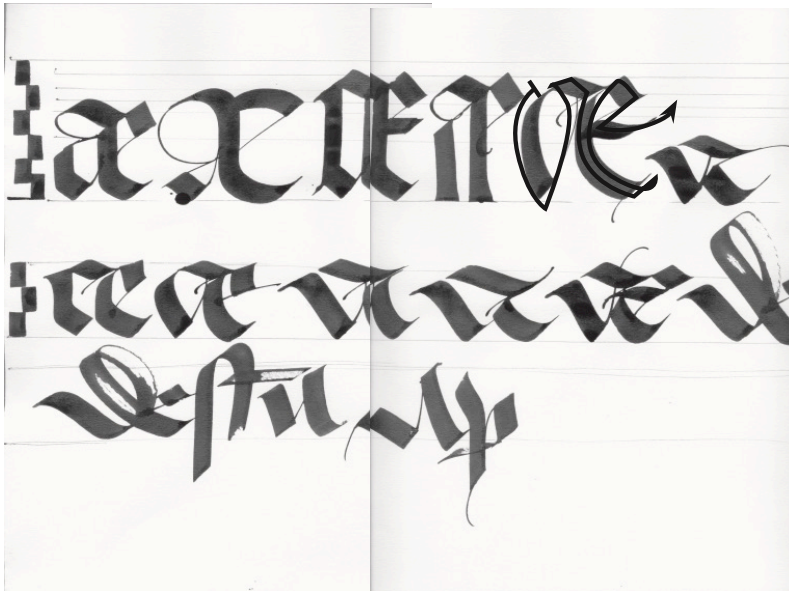
Carta de Pero vaz de Caminha / Ligaturas, letras isoladas, combinadas e abreviaturas

Proposta de formas a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

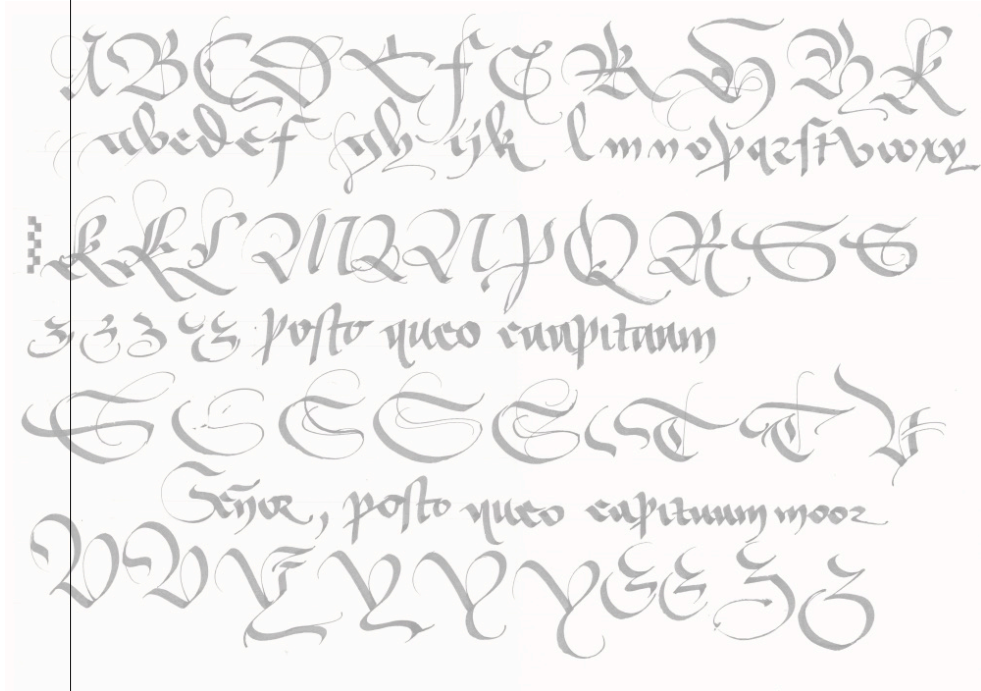
Ângulo aproximado: 40° Morfologia Interpretação formal



Formato A3, pontas de 19mm



Formato A3, ponta de 19mm



Proposta de forma a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

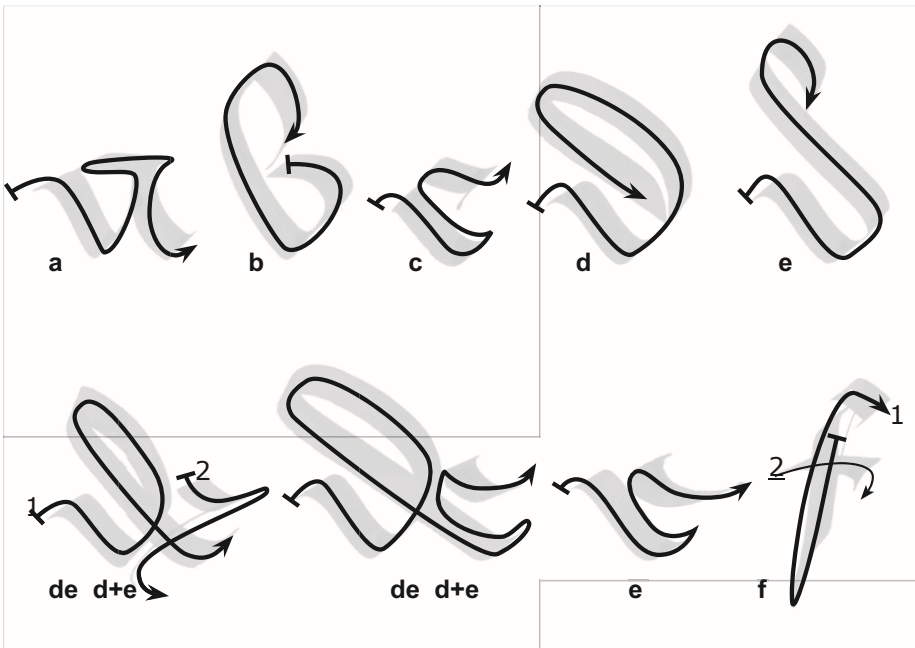


Interpretações morfológicas das modulações principais



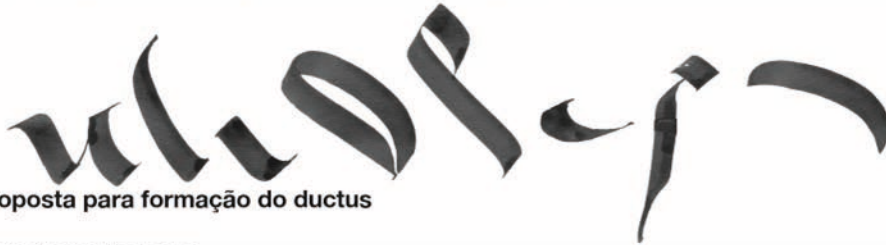
Proposta de formação do ductus

Caracteres isolados e combinação "de" d + e



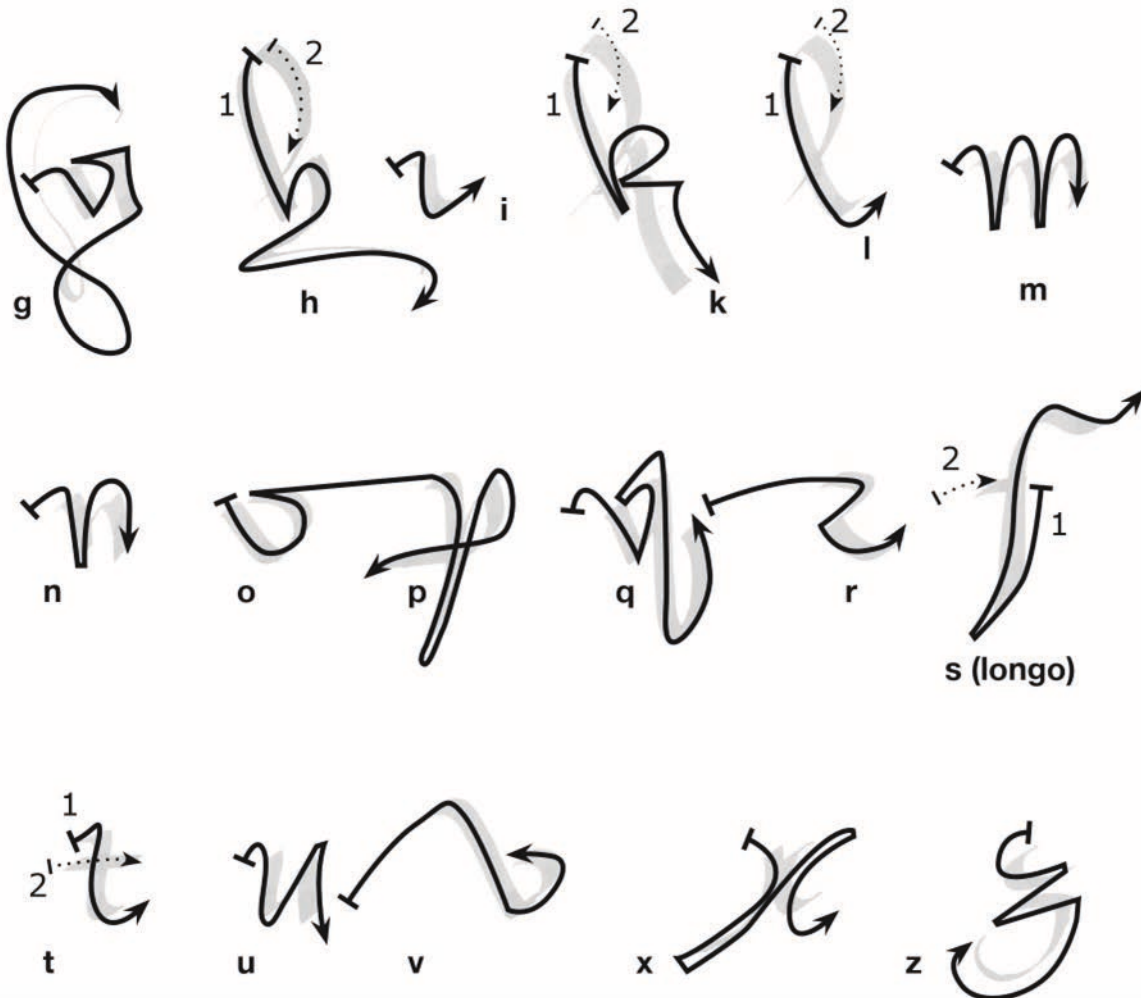
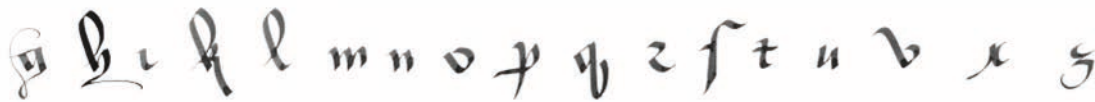
Proposta de forma a partir de instrumento de ponta quadrada de metal

Interpretações morfológicas das modulações principais



Proposta para formação do ductus

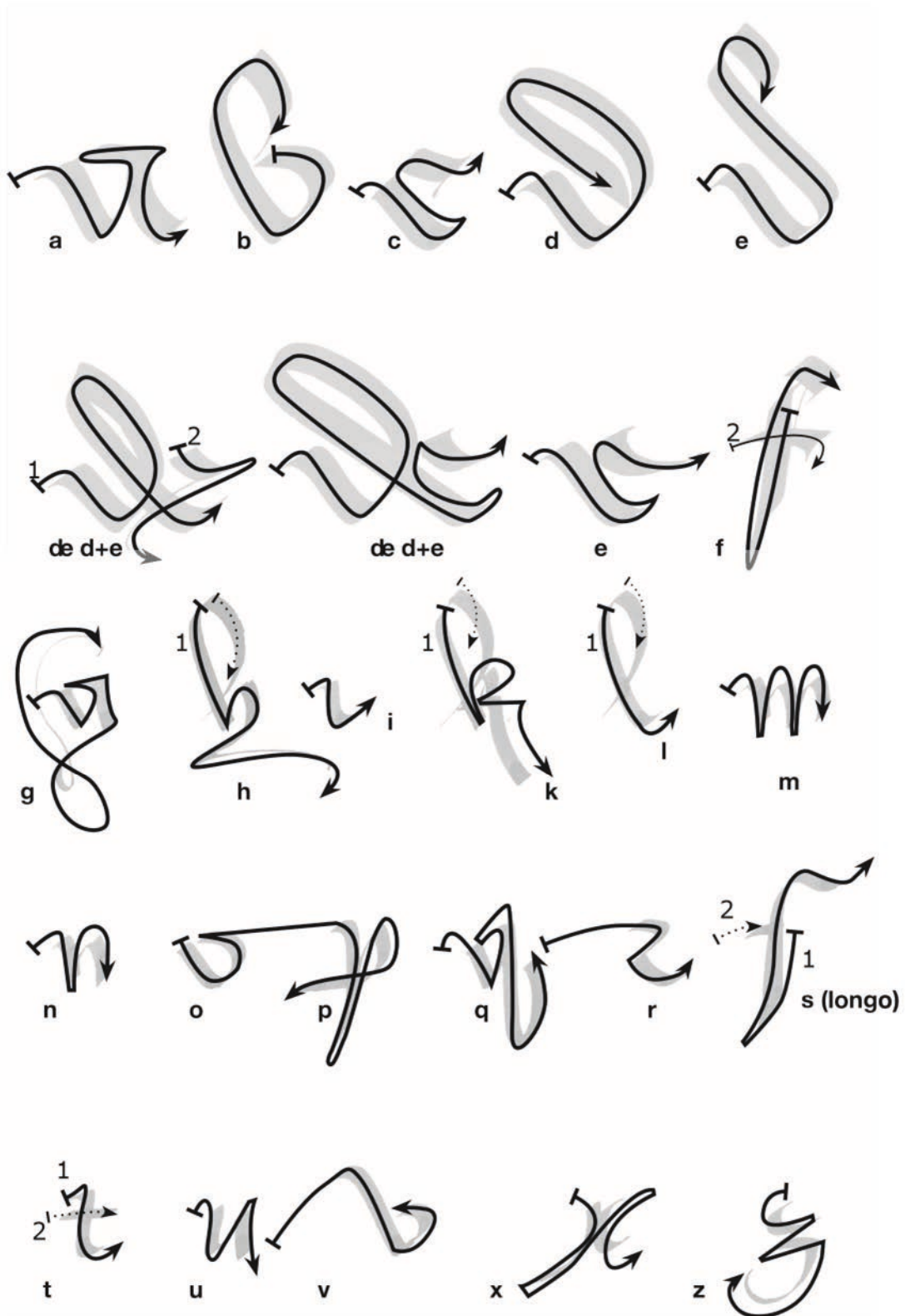
Caracteres isolados



Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 16

Proposta de ductus para letras isoladas, com pena de metal de 19mm



Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 17

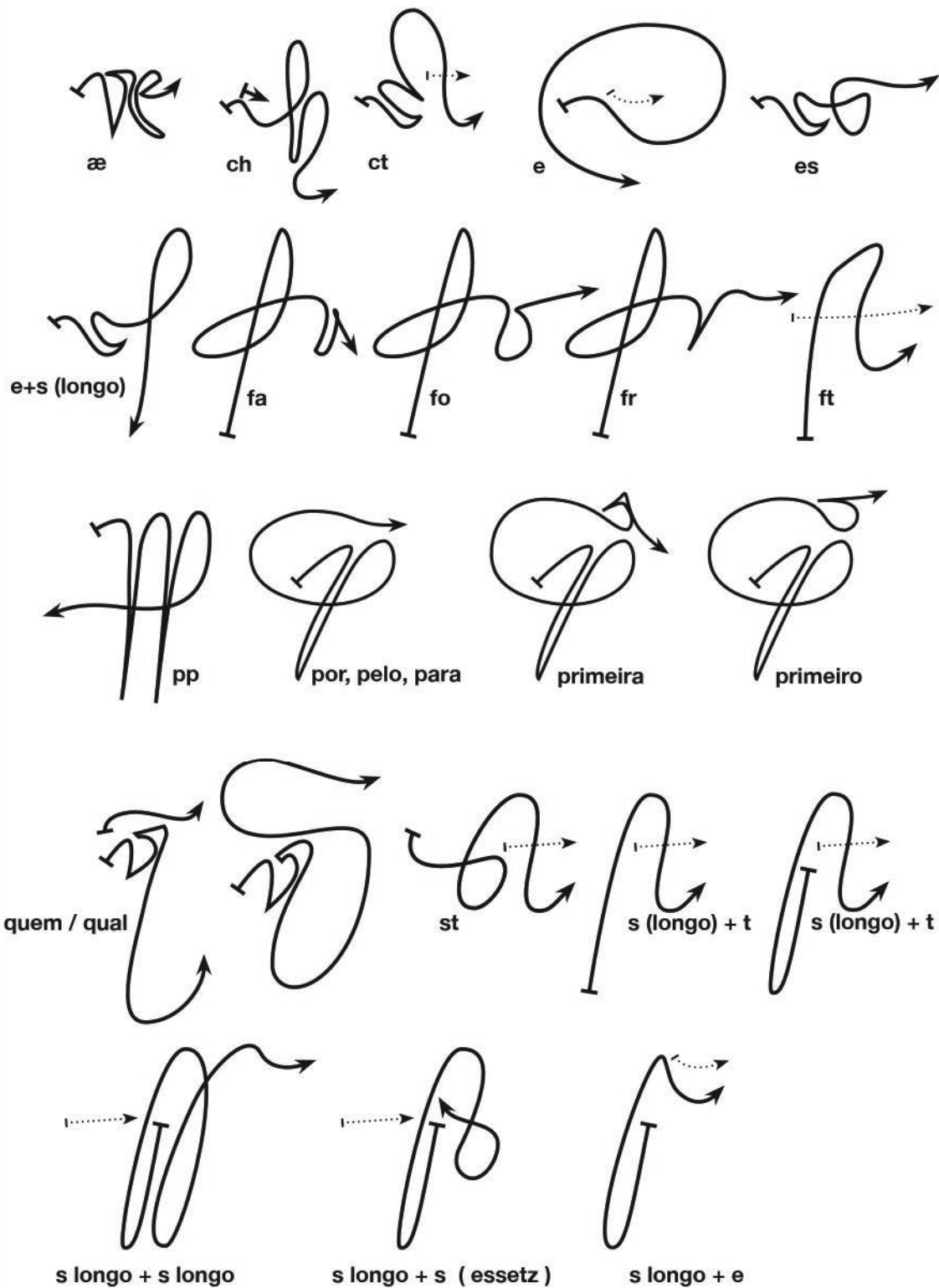
Proposta de ductus para letras isoladas, com pena de metal de 19mm



Modelo de Arquivo Descritivo de Escritas Manuais

Folha 18

Proposta de ductus para ligaturas, com pena de metal de 19mm



Proposta de ductus para letras isoladas, com pena de metal de 19mm

Maiúsculas



Proposta de ductus para letras isoladas, com pena de metal de 19mm

Maiúsculas



Proposta de documentos para análise de pesquisa e proposta de ductus

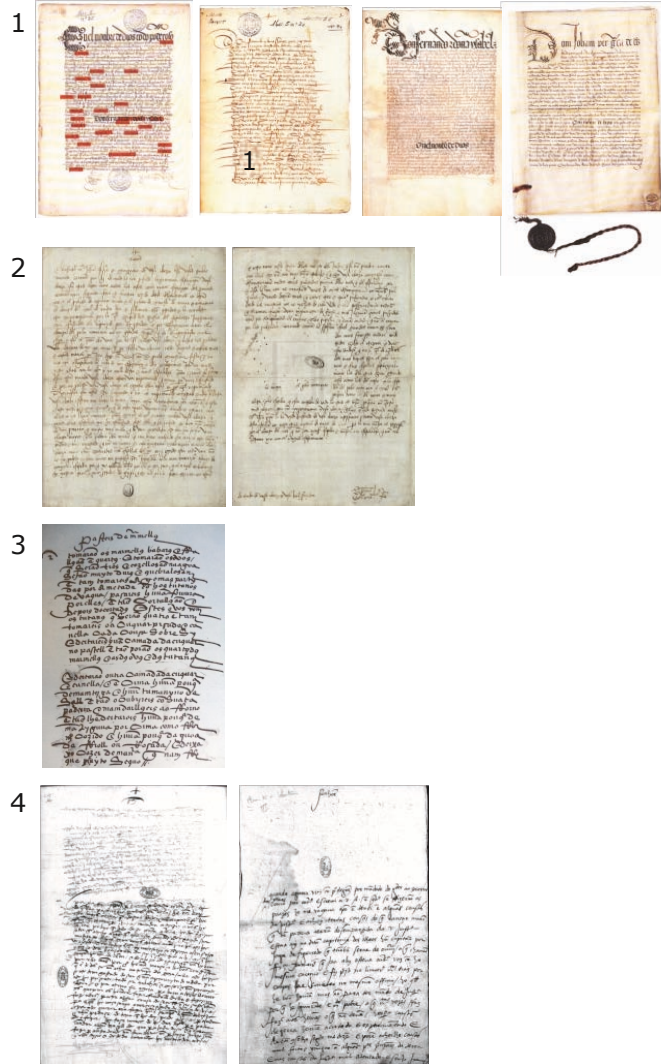
Folha 15

1 título do documento: **Tratado de Tordesilhas (3 versões, 1 página por versão)**

2 título do documento: **Carta de João Faras ao Rei D. Manuel I**

3 título do documento: **Receita gastronômica "Pasteis de Marmelos" (1 página)**

4 título do documento: **Carta de Tomé de Sousa a D. João III (2 páginas)**



2. CONCLUSÃO

Como podem a História, a Paleografia e a Caligrafia auxiliar um profissional, em um projeto de desenho de alfabeto?

Acreditamos que, tão importantes quanto a contextualização histórica, tanto a Paleografia quanto a Caligrafia, nos fornecem argumentos essenciais para que o calígrafo, fundamentado pelas técnicas e métodos, realize as suas criações. Sejam estes argumentos representados pelas transcrições, por tabelas comparativas ou através das exemplificações esquemáticas.

Nos registros desta pesquisa, encontramos caminhos que nos levam a uma compreensão sobre a trajetória do modelo ocidental e suas variações através do tempo e da cultura, até chegarmos ao modelo analisado. As abordagens históricas nos auxiliam a preparar as justificativas da importância dos alfabetos e documentos selecionados. A Caligrafia, em sua natureza prática, reúne, através dos traços, os pensamentos presentes em cada momento da civilização, proporcionando a formação de identidades gráficas capazes de referenciar períodos históricos, como abordamos na introdução, sobre as influências das escritas nas sociedades.

Resumidamente, podemos estabelecer a importância da escrita manual no período analisado. Ela se configura como um contraponto à invenção da tipografia por Gutenberg. Ao invés da morte da caligrafia, o que se observou foi a conversão dos modelos manuais em uma categoria específica, servindo para a manutenção de seu ensino nas escolas europeias, bem como uma base para a projeção dos novos tipos móveis, que inspiram até hoje os modelos digitais.

Independentemente dos modelos utilizados, podemos dizer que a escrita manual, em certa medida, foi um elemento presente nos instrumentos que sempre tornaram oficiais o direito ao poder a alguém ou alguma instituição. No Brasil, a imprensa chega, oficialmente, somente no século XIX, com a chegada da Família Real. É justo evidenciar que, durante mais de três séculos, o poder emanado aos governantes e proprietários das terras brasileiras foi estabelecido através de documentos redigidos à mão.

Apesar disso, acreditamos que, pelo fato da escrita manual ter muitas lacunas, que permanecem sem respostas ainda hoje, seria improvável fornecermos conclusões definitivas ao nosso trabalho. A cada passo da elaboração, uma gama de caminhos se abria e o nosso horizonte se ampliava. Porém, nem sempre os caminhos escolhidos eram atalhos bem construídos ou percursos capazes de elucidar por completo todas as perguntas. Nem mesmo o endosso que eles não se bifurcariam a cada passo dado pelo homem, gerando assim novas questões, novas lacunas, como teoriza Frutiger:

Criados sob determinadas condições históricas, os alfabetos das linguagens verbais foram permanentemente estabelecidos, porém de modo abstrato. Em contrapartida, as sequências de signos pictóricos estão constantemente sujeitas a adaptações concretas ao seu campo de aplicação, sempre mutável. Além disso, têm um efeito esclarecedor e normativo nos pontos em que as palavras são insuficientes ou incompreensíveis. (FRUTIGER, 1999, p. 329).

Ao refletirmos sobre o tema, tivemos a oportunidade de entender que as respostas às questões da escrita farão parte da edição dos pensamentos, praticamente infinitos, tanto nesta como em diversas áreas do conhecimento humano. Será necessário termos um fio condutor para conduzir a determinado resultado, porém, deixando sempre em aberto algumas lacunas, que deverão ser preenchidas ao analisarmos outros caminhos. E, apesar da relevância teórica ou analítica, basilares ao entendimento do material definido, é requerida ao homem a capacidade de abstração, para que ele possa transcrever

concretamente os seus pensamentos, através dos elementos gráficos de que necessita, justificada pelo interesse constante da inovação na área do Design e em todas as suas vertentes.

Ressaltamos que a pesquisa considerou o período das Grandes Navegações num panorama que revela o pioneirismo tecnológico e diplomático português. A escrita Ibérica atua como uma influência direta para a formação dos documentos brasileiros naquele momento.

5.1 Os resultados alcançados

Em nossos objetivos iniciais, pretendíamos propor aos calígrafos uma interpretação pessoal do modelo de escrita abordado durante as investigações. Ao conduzirmos o trabalho, foi possível identificar algumas metodologias, paleográficas e caligráficas, utilizadas nas transcrições e nos exercícios práticos, que serviram de base para o desenvolvimento da nossa análise. Algumas alterações precisaram ser realizadas, no intuito de selecionar informações que melhor atenderiam ao modelo proposto, como o direcionamento das buscas dos elementos gráficos, que exercem um papel essencial para construirmos os ductus das escritas analisadas.

A proposta foi fundamentada pela necessidade de pesquisas na área da História do Design Brasileiro, considerando os primeiros anos da nação, através da escrita, amparada por áreas de conhecimentos, como a Paleografia e a Caligrafia, sendo esta última considerada o cerne da tipografia. Sentimo-nos amparados pelos métodos ancestrais para relatar o alcance dos objetivos principais apresentados na introdução, mesmo não nos utilizando de algumas variações encontradas..

A metodologia foi elaborada para fundamentar o calígrafo. A singularidade da escrita na individualidade do traço permanecerá; porém, com os subsídios fornecidos, os profissionais poderão produzir algo que seja mais do que meramente uma cópia. Um entendimento dos contextos estabelecidos, combinados com a criatividade, oferece uma influência positiva nas propostas de construir modelos que melhor se encaixem nos projetos.

Portanto, a proposta de estreitar as pesquisas em Caligrafia com as do Design de tipos é também oferecida neste trabalho, pois nosso intuito foi de fornecer aos pesquisadores e aos profissionais dessas áreas uma pequena semente, que, apesar de seu tamanho, foi cuidadosamente selecionada; do mesmo modo o seu solo, igualmente preparado para receber as infinitas águas criativas daqueles que se dispuserem a regá-la e a cuidar de seu terreno fértil.

“Agoas sam mujtas imfimid. E em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem.” (CAMINHA, 1500, p. 26).

(As águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!) (Transcrição e tradução de Leonardo Arroyo, 1971).

3. Referências

ACIOLI, V. **A escrita no Brasil Colônia**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1994.

ANTT. **O testamento de Adão**. Lisboa: Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1994.

ARROYO, L. **Carta a el rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963.

_____. **A carta de Pêro Vaz de Caminha**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

BERWANGER, A.; LEAL, J. **Noções de Paleografia e de diplomática**. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

LEAL, J. ; SIQUEIRA, M. **Glossário de Paleografia e diplomática**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

FRUTIGER, A. **Sinais & símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JOHNSTON, E. **Writing & illumination, & lettering**. London: Pitman House Limited, 1977.

MARQUES, J. **Práticas paleográficas em Portugal no século XV**. *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, I série, vol. 1, 2002, p. 75.

MEDIAVILLA, C. **Calligraphie, du signe calligraphié à la peinture abstraite**. Paris: Imprimerie Nationale Éditions. 1993.

MATTOSO, J.; CALDEIRA; A. SOUSA, B. KRUS, L. **Portugal: a formação de um país**. Lisboa: Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, 1992.